



Futuro no Goulinho.

Estratégia arquitetónica integrada para o desenvolvimento económico e social de uma aldeia rural

Cláudia Marina Lourenço Matias

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grau de Mestre em Arquitetura,
especialização em Arquitetura

Júri:

Presidente: Professor Doutor João Carmo Fialho

Vogal: Professora Doutora Luísa Reis Paulo

Orientador: Professor Doutor José Afonso

Orientação Científica:

Professor Doutor José Afonso

Professor Doutor José Crespo

Documento Definitivo

Lisboa, FA-ULisboa, fevereiro de 2020

Agradecimentos

Agradeço:

À minha mãe, ao meu pai, ao meu irmão, à minha madrinha e restante família,
por todo o apoio, incentivo e carinho que sempre me deram ao longo deste
percurso;

Aos meus amigos e colegas, por ouvirem longos desabafos, por toda a interajuda
e apoio;

Aos meus orientadores, pela paciência e ajuda para concretizar e desenvolver as
minhas ideias;

À Célia Lourenço e ao Presidente da Junta de Freguesia da Aldeia das Dez por
toda a informação e dados;

E por fim, ao ser vivo que espera por mim, independentemente da hora.

Obrigada por terem acompanhado estes cinco anos que tanto foram bons como complicados.

Resumo

Havendo localidades no interior do país abandonadas, equacionou-se como seria possível criar uma estratégia funcional para combater o despovoamento atual nas aldeias rurais. Goulinho é uma aldeia rural, na região centro interior, e que pertence ao concelho de Oliveira do Hospital, na freguesia de Aldeia das Dez.

Baseamo-nos no Programa das Aldeias do Xisto, para propor a sua reabilitação de forma a dinamizar a economia local, tendo como pressuposto a cultura e identidade deste meio rural.

A estratégia apresentada está dividida em três categorias: i) Empregabilidade, pela reabertura da fábrica com as mesmas funções idênticas, ao que acresce a produção de pellets, combustível orgânico a partir dos resíduos da madeira; ii) Turismo, propor uma rota com sistemas de vista, novos serviços como restaurante e alojamento. Na fábrica poderão existir workshops para ensinar a arte da carpintaria; iii) Cultural, reabilitando a associação, de forma a projetar uma sala de exposições para partilhar a história da aldeia rural. Também terá no piso superior a sala de apoio para as épocas festivas.

Apresentando-se como a envolvente natural, a paisagem, será um ponto de partida para o projeto. A ideia conceptual tem como um dos princípios a visibilidade dos espaços, quer exteriores como interiores. As direções dos edifícios são determinadas por um ponto de vista.

Pretende-se realçar o meio onde a estratégia se localiza, aproveitando os seus materiais dominantes e da sua vegetação, para melhorar a qualidade de vida dos residentes e cativar visitantes.

Palavras chave: Paisagem | Despovoamento | Reabilitação | Identidade | rural | Goulinho

Abstract

If there are abandoned localities in the interior of the country, it has been considered whether it would be possible to create a functional strategy to combat the current depopulation in rural villages. Goulinho is a rural village, in the central interior region, and inserted in the municipality of Oliveira do Hospital and the parish of Aldeia das Dez.

We base ourselves on the Schist Villages Program, to propose its rehabilitation in order to dynamize the local economy, having as a premise the culture and identity of this rural environment.

The strategy presented is divided into three categories: i) Employability, by reopening the factory with the same functions plus the production of pellets, organic fuel from wood waste; ii) Tourism, to propose a route with view systems, new services such as restaurant and accommodation. In the factory there may be workshops to teach the art of carpentry; iii) Cultural, by rehabilitating the association, in order to design an exhibition room to share the history of the rural village. There will also be a support room on the upper floor for the festive seasons.

Presenting itself as the natural environment, the landscape, will be a starting point for the project. The conceptual idea has as one of the principles the visibility of the spaces, both exterior and interior. The directions of the buildings are determined by a point of view.

The aim is to highlight the environment where the strategy is located, taking advantage of its dominant materials and vegetation, to improve the quality of life of residents and attract visitors.

Keywords: landscape | depopulation | rehabilitation | identity | rural | Goulinho

Índice

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract.....	III
Índice.....	IV
Índice de Figuras	VI
I: Introdução.....	1
I.1 Objetivos e Questões de trabalho	3
I.2 Metodologia.....	4
I.3 Estrutura da PFM	5
II: Arquitetura Vernacular	7
II.1 Identidade	8
II.2 Despovoamento.....	9
II.3 Paisagem	10
II.4 Reabilitação.....	12
III: Casos de Referência	15
III.1. Aldeia das Dez	18
III.2. Castro Laboreiro.....	22
III.3. Fajão.....	26
III.4. Casa da Moita.....	30
III.5. Casa Rural De Les Arnes	30
III.6. Terra Cotta Studio	32
III.7. Casa Ja.....	34
IV: O Goulinho.....	39

IV.1 Caracterização física e social	40
IV.2 Programa das Aldeias do Xisto	52
V: Projecto.....	55
V.1 Projeto Urbano	56
V.2: Projeto Arquitetónico	61
V.2.1 Alojamento	62
V.2.2 Associação e restaurante.....	66
V.2.3 Fábrica de serração, carpintaria e pellets.....	70
VII: Considerações Finais.....	75
Bibliografia	79
Anexos.....	84

Índice de Figuras

<i>Figura 1: Vista para as serras, Goulinho</i>	XI
<i>Figura 2: Moinho, Goulinho</i>	6
<i>Figura 3: Miradouro da Curva da Mimosa, Aldeia das Dez</i>	14
<i>Figura 4: Fotografia geral da Aldeia das Dez</i>	17
<i>Figura 5: Mapa turístico da Aldeia das Dez</i>	17
<i>Figura 6: Rua principal da Aldeia das Dez</i>	19
<i>Figura 7: Rua principal da Aldeia das Dez</i>	19
<i>Figura 8: Rua interior da Aldeia das Dez</i>	20
<i>Figura 9: Vista do Miradouro da Curva da Mimosa</i>	21
<i>Figura 10: Praça principal com a Fonte do Povo</i>	21
<i>Figura 11: Fotografia geral de Castro Laboreiro</i>	23
<i>Figura 12: Ponte Nova ou Cova Velha, Castro Laboreiro</i>	23
<i>Figura 13: Casa da Corga, Castro Laboreiro</i>	25
<i>Figura 14: Casa da Eira, Castro Laboreiro</i>	25
<i>Figura 15: Fotografia geral da aldeia de Fajão</i>	27
<i>Figura 16: Mapa turística da aldeia de Fajão</i>	27
<i>Figura 17: Rua de entrada para a aldeia de Fajão</i>	28
<i>Figura 18: Rua interior da aldeia de Fajão</i>	28
<i>Figura 19: Rua interior da aldeia de Fajão</i>	29
<i>Figura 20: Rua de acesso ao Museu, Fajão</i>	29
<i>Figura 21: Casa da Moita, Fajão</i>	31
<i>Figura 22: Casa Rural De Les Arnes, Andorra</i>	31
<i>Figura 23: Terra Cotta Studio, visto de noite</i>	33
<i>Figura 24: Axonometria</i>	33
<i>Figura 25: Estrutura interior</i>	33
<i>Figura 26: Local de trabalho, piso térreo</i>	33
<i>Figura 27: Fachada Principal</i>	35
<i>Figura 28: Pormenor da fachada</i>	35

<i>Figura 29: Entrada para habitação</i>	35
<i>Figura 30: Vista para o pátio</i>	37
<i>Figura 31: Perspetiva da entrada da casa</i>	37
<i>Figura 32: Fotografia das habitações do Goulinho</i>	38
<i>Figura 33: Mapa das Beirãs em Portugal</i>	41
<i>Figura 34: Mapa do Concelho de Oliveira do Hospital</i>	41
<i>Figura 35: Localização do Goulinho na Freguesia</i>	41
<i>Figura 36: Fotografia geral do Goulinho</i>	42
<i>Figura 37: Vista para a Capela, Goulinho</i>	43
<i>Figura 38: Fonte do Goulinho</i>	43
<i>Figura 39: Local onde se encontra o busto de António Lourenço Duarte</i>	43
<i>Figura 40: Capela do Goulinho</i>	45
<i>Figura 41: Vista para a estrada secundária, Goulinho</i>	45
<i>Figura 42: Espaço de convívio, Goulinho</i>	45
<i>Figura 43: Rua interior, Goulinho</i>	46
<i>Figura 44: Vista da rua, Goulinho</i>	47
<i>Figura 45: Rua secundária, Goulinho</i>	47
<i>Figura 46: Passagem secundária</i>	49
<i>Figura 47: Moinho, Goulinho</i>	49
<i>Figura 48: Jardins perto do moinho, Goulinho</i>	49
<i>Figura 49: Caminho traseiro formado pelas casas</i>	50
<i>Figura 50: Forno do povo, Goulinho</i>	50
<i>Figura 51: Fotografia geral da aldeia do Goulinho, noutra perspetiva</i>	50
<i>Figura 52: Entrada da Fábrica, Goulinho</i>	51

<i>Figura 53: Fábrica de Serração, Goulinho</i>	<i>51</i>
<i>Figura 54: Entrada do piso superior da Associação, Goulinho</i>	<i>51</i>
<i>Figura 55: Fachada principal da Associação, Goulinho</i>	<i>51</i>
<i>Figura 56: Terreno onde se localizará um dos novos serviços, Restaurante</i>	<i>51</i>
<i>Figura 57: Terreno onde se localizará um dos novos serviços, Alojamento</i>	<i>51</i>
<i>Figura 58: Alçado geral da estratégia proposta</i>	<i>54</i>
<i>Figura 59: Regras de Segurança contra incêndios florestais</i>	<i>59</i>
<i>Figura 60: Vista para o Goulinho a partir do ponto de vista escolhido</i>	<i>60</i>
<i>Figura 61: Render da casa grande, vista interior para o pátio</i>	<i>64</i>
<i>Figura 62: Render da casa pequena, vista para sala</i>	<i>65</i>
<i>Figura 63: Render da casa grande, vista do quarto</i>	<i>65</i>
<i>Figura 64: Render na zona de acesso do piso térreo</i>	<i>67</i>
<i>Figura 65: Render da ligação entre o restaurante e a associação</i>	<i>67</i>
<i>Figura 66: Render do restaurante</i>	<i>69</i>
<i>Figura 67: Render do ambiente interior noturno do restaurante</i>	<i>69</i>
<i>Figura 68: Esquema das áreas e organização da fábrica</i>	<i>70</i>
<i>Figura 69: Render da entrada de receção do material para serração</i>	<i>73</i>
<i>Figura 70: Render da entrada de funcionários e visitantes</i>	<i>73</i>
<i>Figura 71: Render do pátio criado pelos sectores</i>	<i>73</i>
<i>Figura 72: Local das fontes, Goulinho</i>	<i>74</i>



Figura 1: Vista para as serras, Goulinho

Fonte: autora, 2019



I: Introdução

Este capítulo começa com uma breve explicação sobre o que é pretendido fazer, e o local de intervenção. De seguida, são apresentados os objectivos e questões de trabalho e finaliza-se com a estrutura do formato.

Este Projeto Final de Mestrado, tem como propósito construir uma estratégia económica e social, que se compõe por três momentos diferentes (a fábrica, a associação e o alojamento) como processo de reabilitação de uma aldeia rural, com o nome de Goulinho.

O Goulinho localiza-se na região centro interior, no concelho de Oliveira do Hospital e na freguesia de Aldeia das Dez, encontra-se inserida num programa de reabilitação, o Programa das Aldeias do Xisto.

O Programa das Aldeias do Xisto baseia-se na reabilitação de aldeias que não possuem monumentos ou valor patrimonial, mas mantém aspetos culturais e de edificado de uma área rural.

Para a revitalização das aldeias existem três componentes fundamentais para uma intervenção:

- **a infraestrutura**, inclui as intervenções de reabilitação urbana de criação e/ou requalificação de equipamentos públicos e de acessibilidade;
- **imaterial**, está ligada à promoção, divulgação e comunicação;
- **empregabilidade**, está associada à promoção de criação e/ou qualificação de emprego.

Verificou-se quais eram os principais problemas; a falta de oportunidades, o despovoamento e as estratégias existentes que se complementam para formar esta solução, dividindo-se por várias fases: i) uma reabilitação urbana que estabelece a memória, pois mantém o seu material dominante e a sua paisagem; ii) reabrir e projetar a fábrica originando assim empregabilidade; iii) reabilitar a associação para desenvolver um local cultural e acrescentar um restaurante; iv) projetar um alojamento para os visitantes que desejem pernoitar; v) criar um roteiro com os pontos de visita e património rural do Goulinho, dando a conhecer a aldeia.

Pretende-se desenvolver arquitetonicamente a melhor forma de como conectar estes momentos diferentes para promover a economia do local e atenuar o processo de despovoamento.

“o progressivo despovoamento do mundo rural que levou ao abandono de lugares onde antes fermentou vida, conduziu ao desaparecer da parte essencial da memória da identidade Portuguesa. Os nossos dias viram morrer povoados que perduravam há séculos, assistiram ao arrastar de populações para a periferia suburbana, onde o sentimento de vizinhança e as suas solidariedades próprias se diluem, olharam, quase indiferentes o vazio do anonimato e do eremamento.” (Carmina Cavaco citada em Correia, 2005, p.11).

1.1 Objetivos e Questões de trabalho

O local de intervenção necessita de uma estratégia que ajude a diminuir o despovoamento e a desenvolver-se economicamente e socialmente.

A partir da questão base desta proposta: como reabilitar uma aldeia rural? Surgiu como uma das intenções, o desenvolvimento de uma solução para recuperar um território de baixa densidade, reabilitando o edificado existente e projetando outros com novas funcionalidades de forma a melhorar a qualidade de vida dos residentes existentes e futuros.

Logo, manifestam-se as seguintes questões: Quais os benefícios em reabilitar uma área rural do interior do país? | Como desenvolver um dinamismo económico e social para uma área de baixa densidade?

Para uma solução mais adequada será necessário compreender as características territoriais, sociais e funcionais da área de intervenção, para adequar a proposta nos equipamentos de apoio existentes e para formar um conjunto de edifícios que estabeleça a fusão do turismo, da identidade histórico-cultural e da modernidade.

Assim, apresentam-se algumas questões de trabalho: qual o tipo de estratégia económica e social que se deve desenvolver? | que tipo de intervenção será

necessária para estabelecer todas as ligações? | como utilizar a memória da aldeia para a modernizar e reabilitar?

A partir das interrogações, formulam-se os seguintes objetivos de intervenção: i) reabilitar a fábrica criando empregabilidade; ii) reabilitar a associação do Goulinho e o seu exterior, que será uma zona de comércio, cultural e serviços; iii) planeando uma unidade de alojamento para os visitantes poderem ficar; iv) e elaborar uma intervenção urbana, desenvolvendo locais de paragem e de lazer relacionando com a paisagem e o seu meio natural existente.

1.2 Metodologia

Para composição deste trabalho, foi necessário dividir por fases, facilitando a obtenção de uma solução funcional.

Começando com medições, levantamento e análise swot do local de intervenção para se definir como qual é a melhor estratégia económica e social, formalizando com a pesquisa bibliográfica sobre o contexto histórico e geográfico sobre o Goulinho e a freguesia onde está inserido.

Criando assim, os critérios que se pretende utilizar como conceitos, havendo uma pesquisa bibliográfica sobre os mesmos.

Após a análise bibliográfica e análise geográfica do local, foi decidido os equipamentos que deveriam ser reabilitados, os que se pretendia criar e que programa funcional era necessário.

Através desta conclusão, foi indispensável uma pesquisa de referências arquitetónicas quer em termos de programa, nomeadamente como reabilitar uma aldeia, de elementos de ligação entre existente e o novo e por fim, a forma e a sua materialidade.

Representado nos desenhos técnicos a evolução da solução e quando assim avaliado o resultado, começasse a desenvolver os elementos finais como desenhos técnicos finais, modelo 3D e renders.

I.3 Estrutura da PFM

Este trabalho desenvolve-se em seis capítulos:

- O I: **Introdução**; que ajuda a compreender o que é o tema, a sua metodologia e o que se pretende demonstrar neste PFM;
- No II: **Arquitectura vernacular**; explica-se o tipo de construção para compreender os conceitos teóricos que foram selecionados, tendo em conta as características do tipo de intervenção, e do local no qual se deseja apresentar uma proposta;
- O III: **Casos de Referência**; é apresentado a pesquisa sobre casos de reabilitação de aldeias, exemplos de alojamentos/hotéis rurais, de equipamentos e como ligar o existente com o novo.
- No IV: **O Goulinho**; onde se descrever o território e a área de intervenção, indicando os aspetos sociais e se divulga o Programa das Aldeias do Xisto.
- A partir do V: **Projecto**; desenvolve-se a componente do projeto urbano, que representa a criação de uma rota pedonal que estabelece a conexão das aldeias próximas, a marcação dos pontos de visita e dos locais de estar e lazer para contemplação da Natureza e a elaboração de um caminho que liga à parte de baixo do Goulinho com a parte de cima. Finaliza-se com o projeto arquitetónico, composto por uma fábrica, a associação com restaurante e um alojamento.
- Terminando com o capítulo VII: **Considerações Finais**; onde é apresentado os comentários, as críticas e justificações deste PFM.



Figura 2: Moinho, Goulinho
Fonte: autora, 2019



II: Arquitectura Vernacular

É pretendido explicar o tipo de construção planeada para intervir neste local e apontar os conceitos teóricos subjacentes para o desenvolvimento da intervenção.

A arquitetura vernacular é um tipo de arquitetura que demonstra a interação do ser humano com o meio em que se insere.

As construções projetadas são determinadas por diversas características do espaço físico que a rodeia, como o clima, topografia e os materiais disponíveis. Por norma, os promotores das intervenções acabam por desenvolver um conhecimento sobre o material e os sistemas construtivos que melhor adequam ao local para obter um bom desempenho térmico (González, 1991).

É uma arquitetura que nas suas construções se identifica com os autóctones, mantendo os seus costumes, conhecimento e habilidades construtivas. Oferendo um valor identitário, uma marca da identidade cultural e dos valores associados à população.

Resumindo, os benefícios da arquitetura vernacular são o aproveitamento dos conhecimentos e tradições do local; usufruindo dos materiais e recursos locais; fornecendo uma relação entre os seres humanos e o ambiente envolvente, e são projetados tendo em conta as condições climáticas do local, e por norma, têm um bom desempenho.

II.1 Identidade

A arquitetura vernacular tem como princípio manter a identidade de cada local, pois, como referido, as construções respeitam a memória e tradição consoante cada região.

O património cultural, derivada do conjunto dos seres vivos que são únicos e transmitem as suas autenticidades naquilo que fazem, pois vivem no mesmo lugar, havendo fatores que os interligam e suportam as condicionantes externas como a geografia e o clima.

O que demonstra que a identidade formada advém de várias fontes naturais e humanas como o lugar, a região, a geografia, a topografia e o clima; as pessoas, a partir da sociedade, comunidade; e da cultura, mediante as tradições, costumes, idioma, religião e artefactos. É importante ter isto em conta pois estes fatores estão relacionados entre si, manifestando assim na arquitetura existente.

Maurice Halbwachs defende a ideia de que a memória e a identidade do lugar são as bases que influenciam no tipo de vivências, relações e interações sociais entre o ser humano e o espaço que habita.

As sociedades são compostas pelas marcas distintivas, surgindo assim várias culturas pelo mundo. Antigamente era mais fácil manter a identidade, havia a partilha da religião, a língua, as artes, o trabalho e outros costumes e tradições. Atualmente, as tradições perderam a imagem clara do povo pois ficou difícil readquirir os modelos e paradigmas.

A dificuldade será destacar a diversidade e multiplicidade como algo a manter, trabalhando no sentido contrário da globalização dos costumes. É preciso saber equacionar, saber modificar/melhorar sem perder a identidade.

Tendo em conta o conhecimento de cada local e as suas características, a arquitetura vernacular com os seus princípios, propõe estratégias que promovem a sua identidade, aproveitando para melhorar a economia local.

II.2 Despovoamento

A Revolução Industrial, veio marcar uma nova era, sendo que a industrialização, em Portugal, desenvolveu-se lentamente. No final da I Guerra Mundial, apareceram os novos progressos tecnológicos e novos materiais de fraca resistência térmica, utilizando sistemas mecânicos para manter o conforto no interior. As consequências desta evolução, começou a surgir no meio urbano e nas grandes cidades devido à procura de oportunidades de emprego e de qualidade de vida, o que originou uma escassez na habitação.

Esta procura também trouxe consequências nas aldeias rurais, começando os primeiros sinais do despovoamento que atualmente se têm vindo a agravar.

As oportunidades de rendimento eram escassas e insuficientes para o sustento das famílias, a solução possível era procurar novos postos de trabalho noutras regiões do país ou no exterior.

A migração da população jovem, atualmente ainda acontece, pois continua sem se saber como desenvolver o parâmetro económico para haver mais oportunidades ou como reaproveitar o próprio espaço, de forma a renovar as suas condições.

“(…) As populações rurais, que até aí se viam num mundo sem horizontes e numa economia qualitativa mas pequena, tendo sempre que utilizar os recursos locais, passa a beneficiar de uma melhoria económico-social geral: pode circular com relativa facilidade e, ao mesmo tempo que entra em contacto com a natureza urbana, dispõe de meios para adquirir os primores da civilização, que lhe são acessíveis” (Galhano, 2003; p.258).

A arquitetura vernacular tem como fim preservar e valorizar a cultura de cada local. A estratégia contra o despovoamento será desenvolvido a partir das características e da comunidade do local, a ideia é utilizar o turismo como instrumento de progresso, atraindo mais visitantes e desenvolvendo uma relação entre residente/turista, aproveitando os costumes daquela região, dando a conhecer as profissões típicas, criando assim oportunidades aos residentes de se sustentarem economicamente.

O turismo pode incentivar o melhoramento de diferentes categorias como a economia, social, património e territorial.

II.3 Paisagem

“É a ligação entre os espaços naturais com às construções do ser humano, tendo em base esta definição é pressuposto que o homem é que tem poder na transformação da Natureza, mas é a Natureza que influencia na forma como é projectado às construções, sendo esta a influência a paisagem” (Noberg-Schulz, 1984, p.169).

A arquitetura vernacular é uma das mais expressivas na intervenção do ser humano na paisagem, pois tem em consideração diversos fatores como já foi referido, no início desta capítulo.

A paisagem contempla a relação que existe entre os espaços naturais e as construções do ser humano. A forma como se projeta um edifício é pensado com o meio ambiente, seja pelos espaços verdes ou a inclinação do sol.

É esta conjugação que permite que os locais tenham uma parte da sua identidade associada com a paisagem. Este tipo de construção tem uma abordagem mais preocupada com o clima das habitações, respostas naturais e conscientes dos recursos existentes do local.

Na segunda metade do século XXI, as emissões de CO₂ começaram a ser uma preocupação, e a solução foi a sua redução e a (re)criação de uma arquitetura sustentável, destacando-se algumas bases que são tomadas em consideração : a gestão do território e uso do solo; estratégias passivas de climatização; uso de materiais e técnicas locais; utilização de recursos renováveis; recolha e aproveitamento de águas pluviais.

A sociedade rural é um exemplo de sustentabilidade na gestão do território, a estruturação dos seus povoados foi desenvolvida consoante as características do território como também com a sua atividade económica, que neste caso seria a agricultura.

Aproveitam também para organizar e hierarquizar os espaços em função do Sol havendo assim benefícios com ganhos solares que se direcionam para os locais que necessitam.

Com as ocorrências recentes, independentemente do que se procure como cenário de desenvolvimento, tem de se ter uma vertente sustentável pois é possível assim alcançar melhor soluções que no futuro não tenham graves consequências para as gerações seguintes.

A arquitetura vernacular portuguesa tem várias estratégias de arrefecimento passivo com soluções de sombreamento, de sistemas construtivos com elevada inercia térmica, uso de vegetação, promoção da ventilação, superfícies exteriores claras, pátios e alpendres.

Uma das preocupações é a escolha de vegetação pois tem influência na paisagem e na prevenção de incêndios., e de conter pátios nos edificadados para haver contacto com o meio.

II.4 Reabilitação

“O conhecimento das técnicas de construção tradicionais tem de ser encarado segundo dois princípios essenciais: é necessário conhecer o objeto de uma intervenção antes de estudar e realizar essa intervenção, de modo a adequar os materiais e métodos a aplicar às características desse objeto. Em segundo lugar, o conhecimento das técnicas tradicionais interessa, na medida em que essas mesmas técnicas serão, com frequência, as soluções mais recomendáveis para as intervenções, pelo menos quando se trate de intervenções irreversíveis.” (Appleton, 2011, p.4).

É essencial conservar os edifícios antigos pois acolhem os conhecimentos acumulados pelos habitantes ao longo dos anos, pois adaptam-se ao clima, ao meio e aos modos de vida. Apesar de nem sempre ser possível conservar, há que reabilitar, adaptando e melhorando o que foi apreendido.

É o método das linhas temporais dos lugares reconhecidas, trazendo as memórias para o presente e adaptando os espaços para novas necessidades. A ideia de intervir é o prolongar a sua vida, pois é necessária uma investigação compreensiva sobre a sua história quer no edifício ou da paisagem, mantendo uma relação íntima com a sua terra e as suas pessoas.

A reabilitação de casas antigas são soluções benéficas, devido à salvaguarda, valorização e recuperação do património construído. Querendo assim não só reabilitar as casas, mas a aldeia, recuperando as suas qualidades e as vantagens.

Os princípios de sustentabilidade exibidos são fáceis de integrar na arquitetura contemporânea, quer na construção nova como na reabilitação.

A arquitetura vernacular portuguesa tem conhecimentos importantes para o desenvolvimento da construção sustentável considerando o que foi ensinado no

passado e com o desenvolvimento tecnológico existente é possível melhorar as tecnologias vernaculares. Havendo um melhor aproveitamento de recursos que neste momento é necessário analisar.

Ao reabilitar esta aldeia é pretendido usar as suas técnicas e os materiais dominantes nas construções de forma a poupar nos sistemas de arrefecimento ou de ventilação e principalmente mantendo a identidade do local.



Figura 3: Miradouro da Curva da Mimosa, Aldeia das Dez
Fonte: autora, 2019



III: Casos de Referência

Para melhor compreensão do que se pretende e de como se poderá fazer é necessário estudar alguns casos de referência, analisando assim quais os objetivos, características e estratégias de cada tópico que será desenvolvido, procurando-se soluções adequadas e viáveis.

Grande parte das aldeias que se encontram no interior do país estão abandonadas e com poucos residentes, sendo a sua maioria da faixa etária idosa.

Demonstrando que o maior problema que se encontra é o despovoamento. A formação de um programa é necessário, para reabilitar e renovar estas aldeias, de forma a melhorar o seu desenvolvimento económico e a qualidade de vida dos residentes, mantendo as suas tradições e valores rurais.

Essa estratégia, atualmente, é composta pelo turismo pois existe uma procura maior pela beleza e descanso deste meios rurais, tornando possível dar a conhecer as aldeias existentes no interior e assim atrair mais visitantes. Desta forma, apresenta-se a história de cada aldeia, restabelece-se a ligação com a natureza, não só pela envolvente destas regiões: a paisagem para as serras, as suas árvores e o seu verde pois é o que conquista os turistas. Este meio natural não se encontra nas cidades.

O turismo é fundamental porque desenvolve várias vertentes de modo a evoluir e desenvolver a economia local e a sua sustentabilidade.

Complementarmente é necessário apresentar uma proposta que seja capaz de gerar emprego, mantendo-se fiel às suas características locais e às suas tradições.

A sua arquitetura também é fundamental, pois, as construções são típicas da região, por norma seguindo a matéria prima característica da zona, e a forma como as suas atividades ainda se mantêm, tais como, a agricultura e os trabalhos artesanais.



Figura 4: Fotografia geral da Aldeia das Dez

Fonte: <https://hoteisdecampo.pt/guia-das-regioes/aldeias-de-xisto/aldeia-das-dez/>



Figura 5: Mapa turística da Aldeia das Dez

Fonte: <https://aldeiasdoxisto.pt/sites/default/files/Mapa%20de%20Aldeia%20das%20Dez.pdf>

III.1. Aldeia das Dez ¹

A Aldeia das Dez localiza-se no concelho de Oliveira do Hospital, que pertence ao distrito de Coimbra.

A freguesia da Aldeia das Dez insere-se na serra do Açor e é constituída por nove aldeias, sendo uma delas o local de intervenção.

Quando a freguesia foi fundada em 1543, abrangia não só a área atual, como ia até ao Piódão, que foi desanexada em 1676.

Desde a sua criação, esta desenvolveu-se de forma autónoma, sendo que só em 1899, foi concluída a estrada municipal que liga a Aldeia das Dez à Ponte das Três Entradas, acabando assim com o isolamento desta freguesia.

É possível encontrar ruínas das muralhas com vestígios de castro pré-romano e a passagem dos romanos através da calçada que se encontra fora da aldeia, ligando-a à freguesia de Avô.

A principal característica desta aldeia é que em qualquer ponto existe um miradouro para as serras que a envolvem, ficando conhecida como a “aldeia miradouro”. Fica sobranceira ao rio Alvoco, e o seu material predominante é o granito. Possui um património único com especial atenção à Igreja Matriz que é decorada com talha dourada.

A Aldeia das Dez é uma das aldeias inseridas no programa de recuperação das aldeias de xisto: Programa das Aldeias do Xisto.

É possível ver diversos pontos de visita sobre a cultura e a identidade da aldeia, nomeadamente a Casa do S/Loja das Aldeias do Xisto, a Casa quinhentista, o Solar Pina Ferraz “Casa da Obra”, a Fonte do Povo, a Fonte do Soito Meirinho, a Fonte do Cabo do Lugar, a Fonte do Marmeleiro, a Antiga Escola Primária, a Igreja Matriz, a Igreja de Santa Maria Madalena, a Capela de Nossa Senhora das Dores, o Cruzeiro,

¹ Informação retirada no <https://aldeiasdoxisto.pt/aldeia/aldeia-das-dez>, consultado em Novembro, 2019



Figura 6: Rua principal da Aldeia das Dez
Fonte: autora, 2019



Fonte: autora, 2019

o Cemitério velho, a Alminha, o Miradouro da Mimosa, o Miradouro do Largo Alfredo Duarte, o Varandim do adro da Igreja Matriz e o caminho do Xisto. Possui também zonas de serviço: o Hotel Rural Quinta da Geia, a Casa dos Teares, alojamento, o Restaurante João Brandão, o Café-Minimercado Primavera, o Minimercado, a Cabine telefónica, o Marco do correio, a Junta de Freguesia, o Plano 5 tapas do Bar, a Casa do Secolinho o Alojamento e a Quinta Relva do Trigo Alojamento, e por fim têm uma zona de acolhimento da qual faz parte o estacionamento, área de receção e instalações sanitárias. E visível no Mapa da Aldeia das Dez a localização de cada espaço (figura 5).

A ideia será conjugar ambas as aldeias de forma a se complementarem. A Aldeia das Dez, sendo a freguesia do local, possui mais equipamentos que ajudam a aumentar as possibilidades de trazer novas famílias para se mudarem para o Goulinho.

Apesar do Goulinho não ter o mesmo material geológico, são ambas muito semelhantes em termos arquitectónicos e da organização estrutural da malha urbana existente.

O que se pretende retirar para o desenvolvimento da intervenção é a mesma linha de pensamento do programa das Aldeias do Xisto. Os objectivos são formar uma rota turística e utilizar os miradouros, pois são uma mais valia neste local, onde as suas vistas se encontram voltadas para as serras.



Figura 8: Rua interior da Aldeia das Dez

Fonte: autora, 2019



Figura 9: Vista do Miradouro da Curva da Mimosa

Fonte: autora, 2019



Figura 10: Praça principal com a Fonte do Povo

Fonte: autora, 2019

III.2. Castro Laboreiro²

O Castro Laboreiro localiza-se no concelho de Melgaço, e situa-se na Serra da Peneda e no Parque Nacional de Peneda-Gerês.

É uma aldeia com um património pré-histórico composto por gravuras e pintura, 120 Dólmenes e Cistas.

Tem como característica o seu tipo de arquitetura, as suas construções castrejas. Podemos encontrar diversos monumentos nesta localidade nomeadamente o Castelo de Castro Laboreiro, a Igreja Matriz de Castro Laboreiro, o Pelourinho de Castro Laboreiro, o Aqueduto de Pontes, a Capela de São Brás, o Cruzeiro da Quingosta, o edifício do antigo Tribunal Judicial, o edifício antigo Paços do Concelho, a Ermida da Senhora de Anamão e a Padieira da Assureira, também possui várias igrejas medievais, os fornos comunitários (o Forno da Ameijoeira, o Forno de Campelo e o Forno de Pontes), os espigueiros e os moinhos.

Em Castro Laboreiro, existe um Núcleo Museológico onde os visitantes podem conhecer os hábitos, costumes e tradições dos residentes, também com um espaço de lazer no Campo das Veigas, um centro cívico e um centro de informação com biblioteca.

Nesta região passa o rio Laboreiro e as passagens são feitas por pontes das épocas romana e medieval, dando assim o nome à aldeia como a Aldeia das Pontes, nomeadamente, a Ponte da Dorna, Ponte da Capela, Ponte Nova ou Cava Velha, Ponte de Assureira ou Ponte de São Brás, Ponte das Caínheiras, Ponte de Portos, Ponte do Rodeiro, Ponte de Varziela, Ponte da Veiga e Ponte Velha.

²Informação retirada no http://www.aldeiasportugal.pt/sobre/12/?entries_hot_page=3#.Xg8cykf7SUn, consultado em Novembro, 2019



Figura 11: Fotografia geral de Castro Laboreiro

Fonte: <https://www.cm-melgaco.pt/visitar/>



Figura 12: Ponte Nova ou Cava Velha, Castro Laboreiro

Fonte: <https://www.cm-melgaco.pt/visitar/o-que-fazer/pontos-de-interesse/ponte-da-cava-da-velha/>

Em caso de pernoitar existem algumas casas típicas castrejas recuperadas, como a Casa da Corga (fig. 13), que se situa próxima do riacho que atravessa a aldeia; é composta por uma cozinha, uma sala e um quarto, e possui uma lareira a lenha, temos também a Casa da Eira (fig. 14) que se situa em frente da eira comunitária da Aldeia de Pontes e encontra-se organizada como a Casa da Corga.

Para se descobrir melhor a região existe o Trilho Interpretativo de Castro Laboreiro, com 3 km de percurso, é possível observar javalis, veados, texugos, lontras, águias-reais, lobos, corços ou garranos.

Esta localidade apresenta-se como caso de referência devido ao programa que foi desenvolvido para a reabilitar, tal como aqui pretende-se criar um trilho para valorizar as características da zona do alojamento que será formado por casas compostas com a matéria prima e os sistemas construtivos locais.



Figura 13: Casa da Corga, Castro Laboreiro

Fonte: <https://pt.rentalia.com/877993>



Figura 14: Casa da Eira, Castro Laboreiro

Fonte: <http://www.gerescasas.com/aluguer/casa-rural-castro-laboreiro-casa-da-corga-aldeia-de-pontes-235124.htm>

III.3. Fajão³

Esta aldeia localiza-se na Serra do Açor, no concelho da Pampilhosa da Serra e a sobranceira à margem esquerda do rio Ceira.

Em 1602 foi considerada como concelho que incluía as freguesias de Dornelas, Fajão, Janeiro de Baixo, Teixeira, Unhais-o-Velho e Vidual, sendo dissipado em 1855.

É constituída por uma malha urbana irregular, o seu declive é suavizado por vielas com rampas e degraus, onde o seu material predominante é o xisto e é também possível encontrar algumas construções em quartzito. É uma aldeia que mantém a sua identidade própria mesmo quando as fachadas são rebocadas e pintadas com cores tradicionais, como o branco e o ocre.

As suas casas possuem ainda detalhes em madeira nas portas e janelas e os telhados são compostos por lousa. Dado o seu património, existe uma rota turística que contempla a Antiga Casa da Câmara, Casas particulares do séc. XIX, a antiga escola primária, o lavadouro público, a Igreja Matriz, a Capela de Nossa Senhora da Guia, a Capela de São Salvador, Alminha, o forno comunitário, a Fonte Velha, o Miradouro de Nossa Senhora da Guia e o Caminho de Xisto; serviços que são a cadeia alojamento, Casa da Moita Alojamento, Restaurante o Pascoal, café Juiz de Fajão, Café/minimercado, Fajão Cultura, Ponto Mais, multibancos, piscina pública e bar, Junta da Freguesia e o Centro de dia. Em termos de acolhimento possui estacionamento, área de receção, instalações sanitárias e um fontanário como se pode verificar na figura 16.

Um dos pontos turísticos que existe é o Museu Monsenhor Nunes Pereira, aberto em honra ao mesmo, que foi um residente importante para a aldeia, expondo as suas obras e exibindo a memória e a cultura das pessoas da Serra do Açor.

³ Informação retirada no <https://aldeiasdoxisto.pt/aldeia/faj%C3%A3o>, consultado em Novembro, 2019



Figura 15: Fotografia geral da aldeia de Fajão

Fonte: autora,2019



Figura 16: Mapa turístico da aldeia de Fajão

Fonte: <https://aldeiasdoxisto.pt/sites/default/files/Mapa%20Aldeia%20de%20Faj%C3%A3o.pdf>

Fajão é uma das aldeias que faz parte da Rede das Aldeias do Xisto, o que o determinou como caso de referência, pois é um bom exemplo de reabilitação de uma aldeia e da qual é pretendido retirar as ideias bases para o local de intervenção, seguindo as normas e os exemplos que o Programa das Aldeias do Xisto indica.

O princípio de manter as fachadas, a constituição das casas com a matéria prima e a rota turística são uns dos objetivos que se deseja usar na intervenção desta proposta.



Figura 17: Rua de entrada para aldeia de Fajão

Fonte: autora, 2019



Figura18: Rua interior da aldeia de Fajão

Fonte: autora, 2019



Figura 19: Rua interior da aldeia de Fajão

Fonte: autora, 2019



Figura 20: Rua de acesso ao Museu, Fajão

Fonte: autora, 2019

Alojamento

Nesta proposta é pretendido ter um alojamento para que se no caso dos visitantes quiserem pernoitar, como foi verificado nos casos de referência para a reabilitação da aldeia, muitos dos alojamentos que são gerados são casas recuperadas para serem alugadas.

Fazendo como uma base de criação destas casas para se alugarem, pequenas casas que mantêm a identidade do local, através do seu material ou dos seus sistemas construtivos.

III.4. Casa da Moita⁴

No Fajão, aparece na reabilitação da aldeia, um alojamento que é a Casa da Moita, sendo uma recuperação do Barracão da Moita.

Reconstruída em 2004, houve o cuidado de se ter a construção tradicional da região, sendo em xisto, os bocados de fachada que são pintados seguem as cores habituais.

Criando assim um apartamento de 72 m², com um quarto e uma casa de banho.

III.5. Casa Rural De Les Arnes⁵

É uma casa rural em Encamp, Andorra para alugar, cercada por campos e fica a 765m do centro.

É uma casa típica do século XIX, com condições rústicas com lareira na sala de estar e aquecimento.

Com 75m², que inclui dois quartos, uma instalação sanitária, terraço de 20m², churrasco ao ar livre e com estacionamento privado e aberto.

⁴ Informação retirada no <https://www.escapadarural.pt/casa-rural/regiao-de-coimbra/a-casa-da-moita>, consultado em Junho, 2019

⁵ Informação retirada no <https://www.booking.com/hotel/ad/borda-santa-eula-lia-r-de-rural.pt-pt.html>, consultado em Junho, 2019



Figura 21: Casa da Moita, Fajão

Fonte: autora,2019



Figura 22: Casa Rural De Les Arnes, Andorra

Fonte: <https://www.booking.com/hotel/ad/borda-santa-eula-lia-r-de-rural.pt-pt.html>

Fábrica

A intervenção que é pretendido realizar na fábrica, não será com a típica forma que se encontra em edifícios industriais.

Como será uma fábrica que abrangerá três sectores, carpintaria, serração e pellets, criando assim este equipamento com uma forma quadrangular.

Apresenta-se de seguida um dos casos de referência relevando a forma e os materiais.

III.6. Terra Cotta Studio⁶

Localiza-se próximo do rio Thu Bom, distrito de Dien Ban, província de Quang Nam, Projectado pelo atelier Tropical Space CO., Ltd, os arquitectos foram Nguyen Hai Long, Tran Thi Ngu Ngon, Nguyen Anh Duc e Trinh Thanh Tu, este projecto é do ano 2016.

A população vive da agricultura e das diversas actividades artesanais tradicionais.

Desenvolveram um cubo de barro, 7x7x7 m, para ser uma oficina/espaco de workshop para olaria, com uma área de 98m². Possui dois pisos, nomeadamente um piso térreo e uma mezzanine.

A fachada exterior é feita de tijolos sólidos de argila, tendo como base os fornos tradicionais do Vietnã, na parte interior do estúdio foi criado uma estrutura de bambu que serve para secar as peças, expô-las ou uma zona de repouso para se descansar.

O tijolo tem uma métrica intercalada, formando uns orifícios que facilitam a ventilação, a ideia é que o artista continue a sentir o ambiente exterior, nomeadamente o vento, o frio do rio e o som da natureza.

⁶ Informação retirada no <https://khonggiannhietdoi.com/terra-cotta-studio/>, consultado em Dezembro, 2019

Dentro do edifício, no centro existe um círculo que é uma abertura para uma zona de trabalho, onde recebe directamente luz natural vindo de cima e os visitantes conseguem observar o artista enquanto trabalha.



Figura 23: Terra Cotta Studio, visto de noite

Fonte: <https://khonggiannhietdoi.com/terra-cotta-studio/>

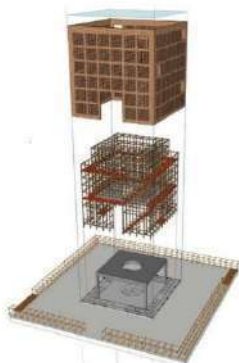


Figura 24: Axonometria

Fonte: https://www.archdaily.com/791430/terra-cotta-studio-tropical-space?ad_medium=gallery



Figura 25: Estrutura interior

(Fonte: https://www.archdaily.com/791430/terra-cotta-studio-tropical-space?ad_medium=gallery)



Figura 26: Local de trabalho, piso térreo

Fonte: https://www.archdaily.com/791430/terra-cotta-studio-tropical-space?ad_medium=gallery)

Conjugação do existente com novo

A intervenção vai ter um local onde é proposto reabilitar, mantendo a sua aparência exterior. É pretendido criar uma ligação com um edifício novo.

O que se pretende criar no edifício novo é que a sua materialidade seja com a matéria prima local, que neste caso é a pedra.

III.7. Casa Ja⁷

É uma casa localizada num bairro perto da Guarda, pretendia dar-se uma solução à vivência entre o rural e o urbano.

Foi projetada pelos arquitetos Filipe Pina e Maria Inês Costa, no ano 2014 com uma área de 260 m².

O programa foi uma casa unifamiliar que iria ocupar grande parte do terreno, e no local ainda havia vestígios da casa tradicional.

A primeira etapa foi separar o novo do antigo, mas manter uma ligação pelo interior. Era pretendido ligar um volume de pedra existente e um volume de betão novo, depois a preocupação era a luz no centro da casa, havendo assim dois vazios, a entrada e o pátio.

A casa foi dividida em dois pisos, em que no rés-do-chão encontra-se a sala, cozinha e garagem, e no primeiro piso a biblioteca e os quartos, e o quarto principal fica na memória da casa antiga.

A ligação entre estes dois elementos são os vazios onde é possível ver a marcação da entrada, composta por uma caixa de vidro que dá para o pátio, mantendo a ligação marcante e visível.

⁷ Informação retirada no <https://www.archdaily.com.br/br/885489/casa-ja-filipe-pina-plus-maria-ines-costa>, consultado em Agosto, 2019



Figura 27: Fachada Principal

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/885489/casa-ja-filipe-pina-plus-maria-ines-costa>



Figura 28: Pormenor da fachada

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/885489/casa-ja-filipe-pina-plus-maria-ines-costa>

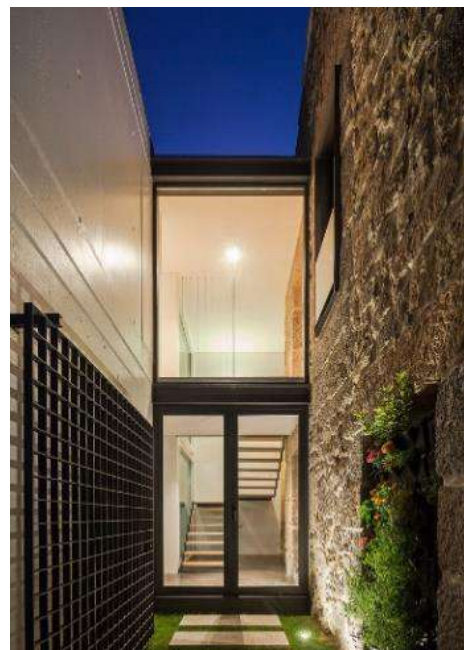


Figura 29: Entrada para habitação

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/885489/casa-ja-filipe-pina-plus-maria-ines-costa>

A decisão no sistema construtivo e na escolha dos materiais teve em conta o tipo de intervenção e a identidade do sítio, daí ser pedra, betão, aço e madeira de carvalho.

A fachada exterior é composta por pedra e betão e o interior é em branco e de madeira.

O que se retirou deste caso de referência foi este elemento de ligação em que o edifício antigo é composto por cimento rebocado a branco e pretende-se ligar com o edifício novo que irá ser composto pelo antigo material dominante, xisto.

Cria-se a mesma entrada que tal como nesta casa vai parar ao pátio, dando representação à parte natural, no caso da associação e o restaurante, a sua entrada vai ter vista para a paisagem que as serras criam, quase como dando as boas vindas.



Figura 30: Vista para o pátio

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/885489/casa-ja-filipe-pina-plus-maria-ines-costa>



Figura 31: Perspectiva da entrada da casa

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/885489/casa-i-filipe-pina-plus-maria-ines-costa>



Figura 32: Fotografia das habitações do local do Goulinho
Fonte: autora, 2019



IV: O Goulinho

Neste capítulo apresenta-se o local de intervenção, começando por caracterizar fisicamente e socialmente e finalizando com uma análise sobre o Programa das Aldeias do Xisto.

É pretendido demonstrar como este local de intervenção se justifica para ser inserido neste programa, e seguindo o mesmo .

IV.1 Caracterização física e social

O Goulinho é uma aldeia rural onde se pretende intervir.

Localiza-se na região centro interior, especificamente na Beira Litoral. Pertence ao distrito de Coimbra, no concelho de Oliveira do Hospital e na freguesia da Aldeia das Dez.

Esta inserida na serra do Açor, tal como a Aldeia das Dez, Fajão, Sobral de São Miguel e Vila Cova de Alva, que pertencem ao Programa de Aldeia de Xisto. Esta serra fica entre a Serra da Estrela e a serra de Lousã e perto da aldeia do Piódão.

De Coimbra ao Goulinho a distância é de 84,9 km, a Serra da Estrela fica a 49.9 km e o Piódão a 13.3 km. Fica a 1 km do Santuário de Nossa Senhora das Precês, que é o maior Santuário Mariano das Beiras.

Reza a lenda que o nome do Goulinho surgiu porque os romeiros que passavam para irem ao santuário, que vinham de longe por montes e vales, calcorreando caminhos e veredas, quando chegavam ao Goulinho pediam aos residentes um golinho de água.

A estrada que dá acesso ao Goulinho, inicia-se na Ponte das Três Entradas, passa pela Aldeia das Dez, Goulinho e termina no Vale de Maceira.

Os povoados da Beira possuem uma relação com o meio natural. Outrora, a agricultura era o que definia a formação da malha urbana e as casas eram construídas com a matéria prima do local, no caso do Goulinho é o xisto, e eram produzidas conforme conseguissem, e desde que se encaixassem nos limites das propriedades.

No solo xistoso, como já foi referido, as construções eram feitas em xisto. A planta da casa é regular, por norma com dois pisos, fachada irregular, uma escada exterior e varandas alpendradas. As coberturas eram feitas de lajes de xisto.



Figura 33: Mapa das Beirãs em Portugal

Fonte:

<https://www.sitiodaeducacao.pt/2014/01/conhecer-portugal-beira-interior.html>



Figura 34: Mapa do Concelho de Oliveira do Hospital

Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Oliveira_do_Hospital

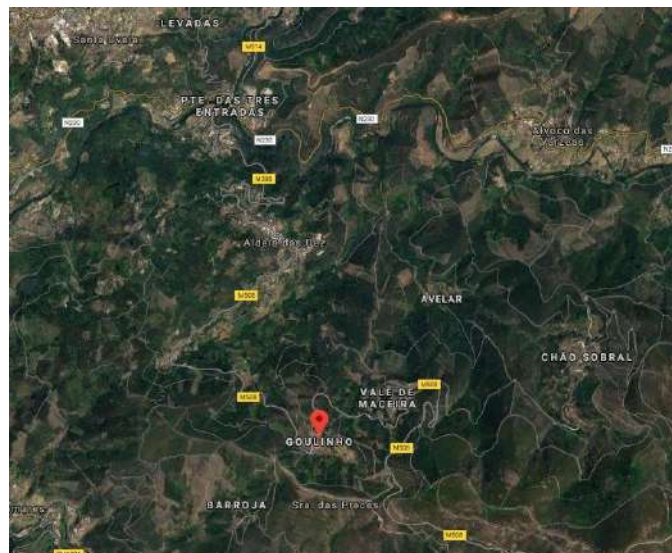


Figura 35: Localização do Goulinho na Freguesia

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Goulinho,+Aldeia+das+Dez/@40.2861774,-7.8555109,8190m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd22d3f005c55ec9:0xfb91f862752adcaa!8m2!3d40.2767375!4d-7.86089>

A casa era composta, no primeiro piso, com uma área destinada aos animais e às alfaías, prolongada por quintais, e no segundo piso a habitação, no qual a lareira era uma peça fundamental. A escada exterior era de pedra e a varanda alpendradas eram por norma de envidraçados e os telhados de placas de xisto.

No Goulinho, ainda se encontra, em algumas habitações, muros e pequenos pormenores nos edifícios, com seu material geológico.

A área de intervenção, sendo uma aldeia rural, sofreu uma perda de população como todas as regiões do interior. Com a evolução das periferias e das indústrias começou a haver mais oportunidades do que nos meios rurais. Ficou impossível para estes meios pequenos conseguirem dar qualidade de vida e as condições básicas necessárias aos seus residentes, começando a população mais jovem a acabar por partir, à procura de novas oportunidades, permanecendo os residentes mais antigos.

Atualmente é uma aldeia com 10 habitantes fixos e 30 a 40 em alturas específicas do ano. O Goulinho é uma das aldeias que possui menos residentes da sua freguesia, pois comparando as duas aldeias que ficam perto, nomeadamente a Aldeia das Dez, a freguesia que fica a 4.4km tem 261 residentes, e o Vale Maceira, que fica a 2.0km possui 17 residentes.



Figura 36: Fotografia geral do Goulinho

Fonte: autora, 2019



Figura 37: Vista para a Capela, Goulinho

Fonte: autora, 2019



Figura 38: Fonte do Goulinho

Fonte: autora, 2019



Figura 39: Local onde se encontra o busto de António Lourenço Duarte

Fonte: autora, 2019

Apresenta algumas habitações, um moinho, uma fábrica de madeira, que de momento se encontra encerrada, um forno comunitário, vestígios da antiga casa senhorial, uma capela século XVIII, o padroeiro é São Paulo e tem outros santos como Nossa Senhora da Boa Viagem, Santa Filomena e Sagrado Coração de Jesus, sendo os festejos feitos no primeiro domingo de Agosto, duas fontes, uma mina, a Associação e antes do incêndio de Outubro de 2017 havia uma carvalha centenária, tendo na sua sombra sido feito um local de encontro com mobiliário urbano. No momento, encontra-se reabilitado como mais dois locais da aldeia, particularmente as fontes, em que uma foi recolocada no local original e outra junto à beira da estrada, e um recanto da estrada, perto da paragem dos autocarros, onde está o busto de António Lourenço Duarte, em gratidão por tudo o que fez pela aldeia, como a implantação da fabrica de serração/carpintaria e o moinho para a farinha.

Havendo quem percorresse quilómetros para poder usá-lo, fez com que a eletricidade e a estrada que liga ao Santuário de Nossa das Preces, tivesse outro trajeto.

Na zona mais antiga, as ruas são estreitas e não é possível fazer a passagem com automóveis. Antigamente, o piso era feito por calçada portuguesa, mas atualmente só a estrada principal dentro da aldeia é que tem calçada e o resto é de cimento.

Antigamente, era complicado saber distinguir as casas da paisagem pela agregação que havia entre ambos, o que fazia com que de longe parecesse que a aldeia não existia.



Figura 40: Capela do Goulinho

Fonte: autora,2019



Figura 41: Vista para a estrada secundária, Goulinho

Fonte: autora,2019



Figura 42: Espaço de convívio, Goulinho

Fonte: autora,2019



Grande parte da envolvente desta zona foi destruída no incêndio, privando a paisagem destes meios. A envolvente encontra-se mais limpa, não há tantas árvores, consegue-se visualizar as diferentes serras e os diferentes povoamentos.

No Goulinho e nas quintas anexas, era comum cultivar-se um pouco de tudo, mas com maior frequência o milho, batata, feijão, vinho, azeite e algum centeio.



Figura 43: Rua interior, Goulinho

Fonte: autora, 2019



Figura 44: Vista da rua, Goulinho

Fonte: autora,2019



Figura 45: Rua secundária, Goulinho

Fonte: autoria,2019

A fábrica que aqui se encontra foi fundada em 1953 por António Lourenço Duarte e foi um marco importante para a aldeia pois não só criou oportunidades de emprego para os habitantes locais como para os das aldeias próximas. Quando chegou a electricidade, montou-se um moinho eléctrico de cereais, nos anos 60/70, foi fundado o serviço de dois carros de aluguer para transporte de mercadoria do fabrico e de pessoas até à capital, acabando por em 1979 encerrar devido à falta de procura.

“Quanto mais crescia a revolução industrial mais se afirmava o divórcio entre o sistema vivo e o sistema económico. A mecânica quantitativa, a tecnologia e o lucro fizeram, rapidamente, ganho de causa. (...) De valores de reprodução, a terra e o trabalho passaram a factores de produção. Entregue a si próprio e à sua auto-suficiência, a economia passou a funcionar em circuito fechado, entregue aos seus próprios mecanismos e à metafísica do mercado, benzido pela mão da divina providência.” (Covas, 2011:39).

Uma vez que a electricidade só chegou em 1965, o proprietário teve que ser engenhoso com a forma de alimentação energética das máquinas. Nesse sentido, teve uma caldeira a vapor (utilizando os desperdícios da fábrica e lenha), que tinha um apito que marcava as horas de funcionamento, ajudando assim também os camponenses a saber as horas, quando andavam nos campos pois era ouvido por grande parte da freguesia.

A associação encontra-se na parte de cima da aldeia, sendo a sua função actualmente, o local onde se organiza a festa da aldeia, onde se encontra as decorações, as colunas, a banca das rifas e da comida. Há alguns anos criaram uma exposição sobre a história do Goulinho através das fotografias, objectos que os residentes ou



Figura 46: Passagem secundária

Fonte: autora,2019



Figura 47: Moinho, Goulinho

Fonte: autora,2019



Figura 48: Jardins perto do moinho, Goulinho

Fonte: autora,2019

familiares disponibilizaram, e tem uma zona de administração que se divide por dois escritórios e uma sala de reuniões. É um edifício para o convívio dos residentes.

Apesar de ter sido construído há alguns anos, não foi usado o material dominante do local, foi construído em cimento rebocado a branco.

Possui transportes públicos, que partem do Chão Sobral e vão até Oliveira do Hospital. O Goulinho, não dispõe de comércio mas há vendedores ambulantes, como o padeiro, que vem todos os dias, e o peixeiro, talhos e fruta, uma vez por semana.



Figura 49: Caminho traseiro formado pelas casas



Figura 50: Forno do povo, Goulinho

Fonte: autora Fonte: autora,2019



Figura 51: Fotografia geral da aldeia do Goulinho, noutra perspetiva

Fonte: autora,2019



Figura 52: Entrada da Fábrica, Goulinho

Fonte: autora,2019



Figura 53: Fábrica de Serração, Goulinho

Fonte: autora,2019



Figura 54: Entrada do piso superior da Associação, Goulinho

Fonte: autora,2019



Figura 55: Fachada principal da Associação, Goulinho

Fonte: autora,2019



Figura 56: Terreno onde se localizará um dos novos serviços, Restaurante

Fonte: autora,2019



Figura 57: Terreno onde se localizará um dos novos serviços, Alojamento

Fonte: autora,2019

IV.2 Programa das Aldeias do Xisto

Quando começou a haver um interesse pelo património rural, desenvolveu-se um programa para ajudar a revitalizar o meio e a qualidade de vida destas regiões interiores.

A ideia é valorizar a herança cultural e o património arqueológico, histórico e arquitetónico, reabilitando para fortalecer o turismo e a economia.

Um desses programas, o Programa das Aldeias do Xisto, surgiu no início da primeira década do século XXI. É uma rede constituída por vinte e sete aldeias do interior da Região centro de Portugal. É um programa que requalifica o espaço público e do edificado.

Segue cinco linhas de ação que são:

- 1- Reforço e requalificação da capacidade do alojamento turístico
- 2- Apoio à animação turística
- 3- Promoção turística do território
- 4- Infraestruturas e equipamentos de promoção das potencialidades
- 5- Acessibilidades locais e transversais (CCDRC, 2001)

Em que na “quarta categoria, é pretendido estabelecer uma rede de percursos ativos (...) e requalificar um conjunto de aldeias serranas (recuperação de coberturas e fachadas, requalificação de espaços sociais, instalações de mobiliário urbano, recuperação de pavimentos de ruas e calçadas, infraestruturaração com redes básicas) que sustente uma rede de sítios de interesse turístico” (CCDRC, 2001, pp. 89-90).

Apesar de serem aldeias que aparentam não ter valor patrimonial, merecem ser valorizadas e apoiadas pois são reconhecidas características particulares para a diversificação das atividades do meio rural, e para serem um complemento de visita. Não se deseja só manter as suas características tradicionais, quer seja a

estrutura urbana, a arquitetura rural ou o património coletivo das comunidades. É pretendido dinamizar as atividades quer culturais, sociais e económicas.

Deseja-se ligar as aldeias que têm como característica comum o xisto à vista, sendo o elemento identificador do território.

O programa tem como decisão desenvolver um núcleo museológico composto pelo restauro de património ou a recuperação/reconversão de construções de apoio à atividade agrícola, mesmo estando dispersos pelo território.

Pretende-se continuar a preservar a identidade serrana, estimular a autoestima das populações e criar oportunidades para começar a fixar habitantes.

As vinte e sete aldeias que fazem parte deste programa estão localizadas em quatro zonas: na Serra da Lousã, a serra que melhor relaciona a vertente cultural e humana das Aldeias do Xisto, e tem doze aldeias inseridas que são Talasnal, Casal de São Simão, Aigra Nova, Casal Novo, Aigra Velha, Chiqueiro, Comareira, Gondramaz, Pena, Candal, Cerdeira e Ferraria de São João; na Serra do Açor, composta por aldeias em que o material dominante é o xisto, grande parte das construções estão rebocadas e em algumas encontra-se granito nos vãos, tem cinco aldeias, nomeadamente a Aldeia das Dez, a Benfeita, o Fajão, o Sobral de São Miguel e a Vila Cova de Alva; na zona de Zêzere, em que a característica idêntica é ficar nas proximidades do Rio Zêzere; possui seis aldeias que são Álvari, Barroca, Janeiro de Baixo, Janeiro de Cima, Mosteiro e Pedrógão Pequeno; e por fim a zona Tejo-Ocreza, possui menos aldeias mas é a que ocupa mais espaço territorial, é um local com mais influência mediterrânica, o seu número de aldeias são quatro, particularmente a Água formosa, Figueira, Martim Branco e Sarzedas.

É pretendido aplicar este programa, no local de intervenção porque a aldeia tem os critérios para ser reabilitada, como por exemplo: as suas características, o seu tipo de material e a freguesia onde está inserida já pertence a esta Rede do Xisto

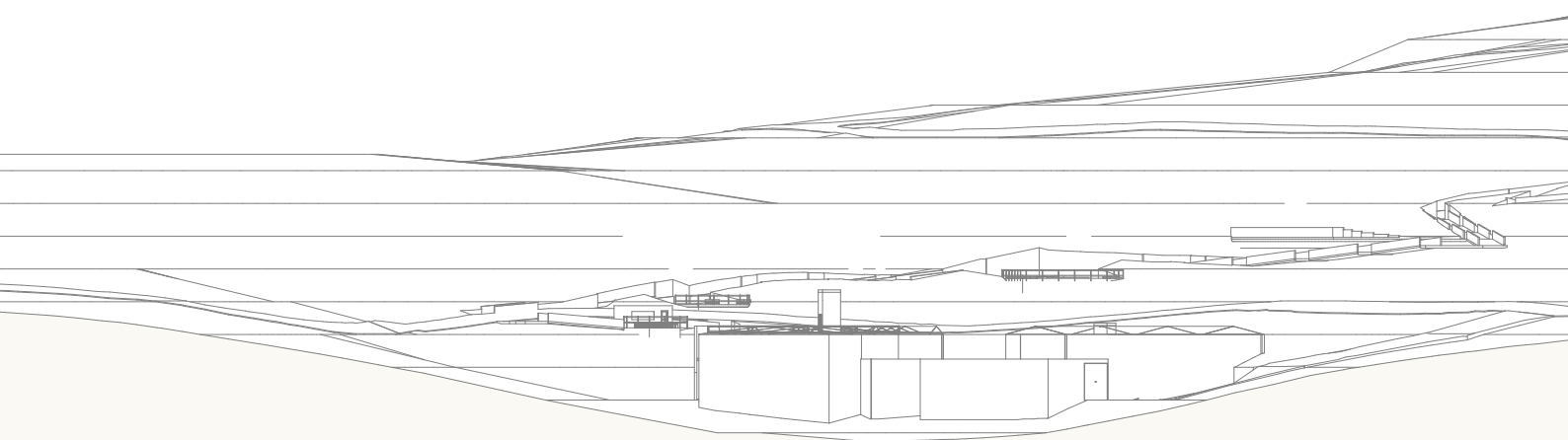
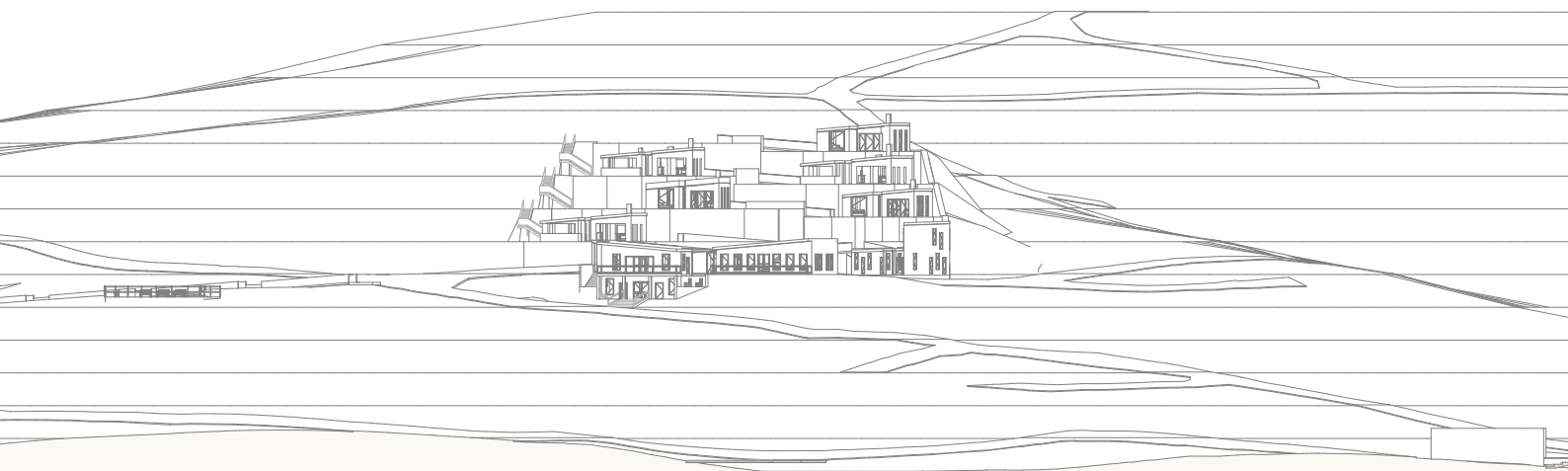


Figura 58: Alçado geral da estratégia proposta
Fonte: autora, 2019



V: Projecto

Pretende-se dividir este capítulo em duas categorias: o projecto urbano e projecto arquitectónico.

Na primeira categoria tenciona-se justificar quais as temáticas que se deseja reproduzir, a parte urbana vai influenciar o projecto arquitectónico.

Na segunda categoria planea-se apresentar uma memória descritiva que explique como será a estratégia arquitectónica para o desenvolvimento económico e social. Explicar como os três momentos vão-se relacionar e se desenvolver.

V.1 Projeto Urbano

Quando se intervém em meios rurais, deve-se ter em consideração a sua riqueza natural e toda a sua extensão.

Estes meios não se encontram muito desenvolvidos como as periferias ou as cidades, o que é positivo pois através da envolvente é possível beneficiar com a renovação das matérias primas, como por exemplo, melhorar a poluição do ar.

Como disse Gonçalo Ribeiro Telles, para o jornal *A Capital*: “Uma política de austeridade é uma política de racionalização dos gastos e uma política do mais racional aproveitamento de todos os recursos naturais à nossa disposição, tendo em vista que nunca poderemos para nosso benefício ou da nossa região, destruir a capacidade de regeneração dos recursos naturais vivos porque deles dependem o futuro das próximas gerações e a independência do país. Destruir as potencialidades vivas de um território é destruir o futuro da comunidade que o habita e essa destruição de potencialidades encontra-se diretamente ligado àquilo que promove a sociedade de consumos supérfluos. Austeridade é equilíbrio das comunidades regionais e locais com o meio em que vivem, de que vivem e que nunca deverá ser degradado.” (AA.VV, 2003, p.309).

Portugal, sempre teve atenção à maneira como se projeta na paisagem e nas áreas rurais, entre 2007 e 2013, a FEADER (Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural) aprovou que se deveria aumentar a agricultura e silvicultura; a melhoria do ambiente e da paisagem rural; a promoção da qualidade de vida nos meios rurais e a diversificação da atividade económica nos espaços rurais.

Segundo Gonçalo Ribeiro Telles (2003), as nossas paisagens precisavam de ser repensadas, a colocação de eucaliptos e de pinhal não era a melhor solução, devia-se repensar em aperfeiçoar como intervir ecologicamente, havendo uma melhoria na circulação de água e de matéria orgânica. E a ideia de que deve haver limpeza de matas é um mito pois estamos a limpar a matéria orgânica que ajuda a fertilizar os terrenos e a retenção da água.

Chega a afirmar numa entrevista para *Visão*, que: “Ardiam na mesma e a capacidade de retenção da água não se dava, passava a haver um sistema torrencial. A limpeza tem que ser entendida como uma operação agrícola. Mas esta floresta monocultural de resinosas e eucaliptos, limpa ou não limpa, não serve para mais nada senão para arder. Aquela floresta vive para não ter gente se houvesse lá mais gente aquilo não ardia assim.”.

Considerando essas bases, é pretendido intervir nesta área, mantendo a sua paisagem o máximo possível e desenvolver momentos de contemplação da mesma, através de patamares e um miradouro, virados para a serra e para a Aldeia das Dez.

É pretendido também organizar os terrenos para cultivo e ter o cuidado de escolher o tipo de vegetação a usar.

Nestas regiões, em que os incêndios são eventos, infelizmente, usuais e a sua propagação é influenciada pela combustão dos diferentes tipos de vegetação presentes e pela sua organização espacial. A característica do fogo varia consoante as características do terreno, como o seu declive, exposição, altitude e configuração faz com que a combustão mude.

Combater um incêndio exige ter de controlar o combustível florestal. A estratégia a utilizar seria a remoção deste ou redesenhar a sua estrutura permitindo assim variar o tipo de fogo e conter a sua intensidade. Como foi referido, a solução não passa em limpar totalmente, pois haveria remoção de elementos fundamentais para nutrir o terreno, a solução ideal para se aplicar é modificar a paisagem produzindo uma dificuldade de expansão do incêndio e diminuindo a área ardida por um tempo.

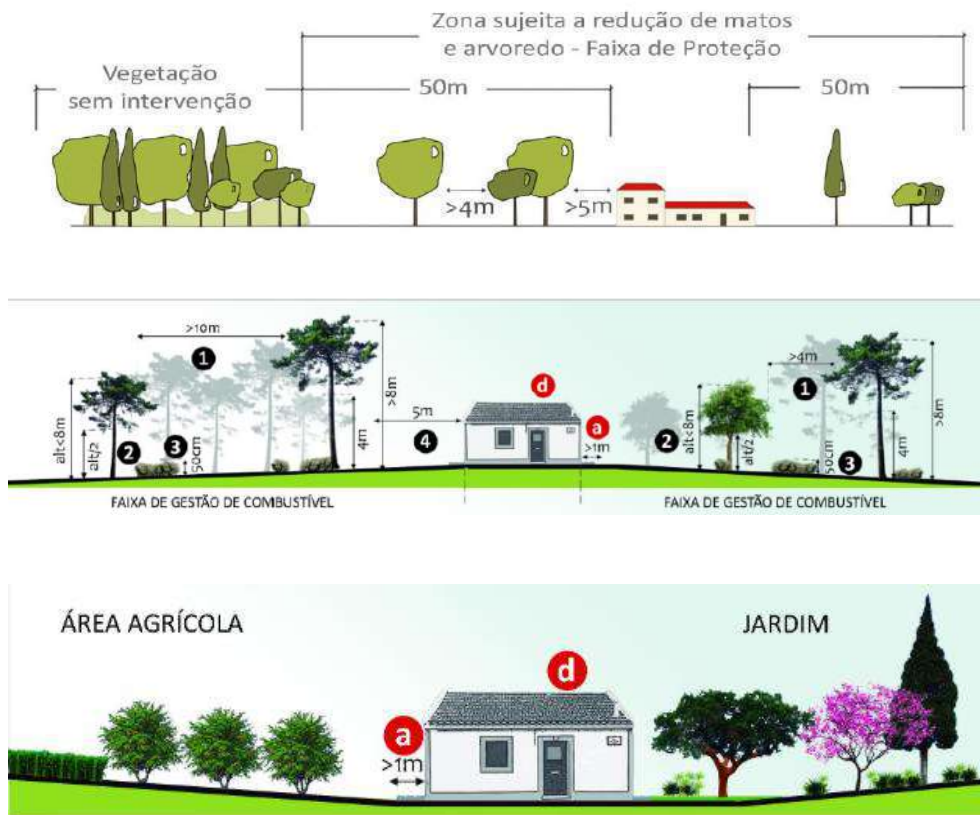
Em regiões montanhosas, o terreno costuma ser irregular, permitindo que haja modificação da velocidade e direção do vento. A topografia e a variedade de aquecimento e arrefecimento, gerados através do vento local que sobem as encostas durante o dia e desçam durante a noite.

A arborização tem várias condições que influenciam no perigo de incêndio por isso devem ser ponderados, como por exemplo a escolha das espécies que se pretende usar, as atividades silvícolas e a exploração existente na vida do povoamento.

A resistência das árvores ao fogo depende da sua espessura e da natureza da casca. É aconselhável, de todas as espécies de arvoredo, o sobreiro pois tem capacidade de resistência ao fogo dado que possui uma casca espessa com características de isolamento térmico concebendo uma proteção dos tecidos vivos do tronco, mesmo quando é totalmente carbonizada consegue reconstruir a sua copa.

As condições ideais para construir e habitar vem da relação com a natureza pois é a constante do lugar de fruição. É a partir desta consciência que os espaços de lazer encontrados na envolvente vão estar direcionados para a paisagem e o mobiliário urbano e os caminhos serão dos materiais dominantes da aldeia, como o xisto e a madeira.

Como já foi referido, outro ponto que se terá em conta é a vegetação. A sua organização vai respeitar as normas de segurança contra incêndios, nomeadamente: ter um pavimento não inflamável com 1 a 2m à volta das casas; evitar ter vegetação muito inflamável ou que seque facilmente a 10m das casas e evitar cercas com espécies que contenham resinas ou óleos ou que empilhem muito material lenhoso, é aberto uma exceção para árvores com valor patrimonial ou paisagístico que podem estar a menos de 5m das casas, desde que seja reforçada a descontinuidade horizontal e vertical da paisagem; os jardins e espaços agrícolas não precisam das intervenções indicadas nos pontos 1, 2, 3 e 4 (fig. 62), e o seu tipo de vegetação.



- 1 As copas das árvores têm de **distanciar entre si**, no mínimo, **4m**.
Nos povoamentos de Eucalipto ou de Pinheiro-bravo, a distância mínima deverá ser de **10m**.
- 2 As árvores têm de ser **desramadas até 4m** acima do solo. Para árvores com altura inferior a **8m**, desrama-se apenas a **metade inferior**.
- 3 Os arbustos não podem exceder os **50cm** de altura.
- 4 A copa das árvores e arbustos têm de estar a mais de **5m** dos **edifícios**.
- 5 Não se pode **acumular lenha** ou substâncias inflamáveis.

Figura 62: Regras de Segurança contra incêndios florestais

Fonte: <http://www2.icnf.pt/portal/agir/boapratc/dfci>

Existirá terrenos para atividade agrícola e/ou silvicultura e nos espaços que irão servir para contemplação ou de paragem, ficaram com a sombra de sobreiros, permitindo assim que na eventualidade de incêndios, a florestação não seja toda carbonizada.

Num dos espaços de contemplação/lazer haverá um pequeno *skate park*, onde a população jovem possa usufruir com toda a visão para envolvente natural, [fig. 63](#) .

Optou-se por esta escolha de parque pois a sua composição dá para vários desportos radicais, como skate, bicicleta, patins ou trotinetes e há contacto com a beleza natural.



Figura 60: Vista do Goulinho do ponto de vista escolhido

Fonte: autora,2019

V.2: Projeto Arquitetónico

Na criação de uma estratégia para reabilitar uma aldeia rural, foi necessário ver o que faltava e os principais problemas existentes.

As faltas de oportunidades e do conhecimento sobre local de intervenção, ajudou a concluir como melhor solução o desenvolvimento de três categorias, designadamente o turismo, a economia e o social que ajudem a fortalecer a aldeia. É pretendido projetar um **alojamento** localizado à frente da **associação** com **restaurante** que irá ter um caminho rampeado que encaminha para nova **fábrica**, influenciando assim o turismo através do programa para a associação, da criação de um espaço de refeição como o espaço para se pernoitar e no novo desenvolvimento da fábrica com a formação da profissão tradicional para os visitantes, desenvolvendo assim a economia ao mesmo tempo.

A ideia conceptual, para relacionar estes elementos, é a sua forma simples com pátios no meio para que quando se encontra no interior seja possível visualizar totalmente as áreas e a paisagem existente.

Também têm em comum a direção para onde vão estar projetadas. Como na escolha do programa, a associação era a única construção existente inserida na solução, que se pretende reabilitar, foi decidido o ponto de vista que se queria organizar as direções dos edifícios e para onde encaminhar a visão do observador nos locais, ditado pelo ponto de vista da associação. A paisagem que se aprecia nestes três momentos são as montanhas, e é visível ver algumas habitações da Aldeia das Dez.

V.2.1 Alojamento

Esta proposta arquitetónica, começou pelo desenvolvimento do alojamento. Nos casos de referência investigados, no capítulo III, para desenvolver um programa de reabilitação numa aldeia rural, costuma existir locais para ser possível pernoitar e que mantenha a imagem cultural do local.

Devido às características do Goulinho, seria incoerente projetar um edifício extenso com mais do que dois pisos, pois seria o contrário do tradicional destes meios rurais.

Daí, o programa ser composto por um edifício principal que será a receção dos visitantes. No piso térreo irá estar a zona de administração, composta por um escritório; a zona de serviços, com um local para a lavandaria, sala de arrumos e o arrumo para as malas; e no primeiro piso, a zona de funcionários, com um espaço com chuveiro, uma instalação sanitária, uma copa com uma mesa e um quarto para o funcionário que ficar no turno da noite. Haverá um caminho mecânico, monocarris, de forma a transportar as malas ou os equipamentos necessários de apoio para as casas, começando no edifício principal, na zona traseira e existindo uma paragem nas plataformas desse mesmo lado, esquema explicativo, fig. 65.

As unidades para se alugar irão ser casas, e a partir da forma e composição destas que surgiu a ideia conceptual para o desenvolvimento deste projeto arquitetónico.

Com base no que se foi demonstrado no capítulo III, os alojamentos para alugar noutras localidades rurais, são regulares, com material dominante do local e pátios e/ou quintais.

É pretendido desenhar objetos arquitetónicos idênticos. A unidade de alojamento será quadrangular e no centro existe um pátio com a mesma forma, havendo a diferença de rotação um do outro.

Um dos objetivos, através da forma e da sua composição espacial, seria ter noção do que se passa à volta, quer dentro de casa como do exterior. A entrada principal fica em frente ao pátio que se encontra aberto para as montanhas.

Existem duas tipologias, a casa grande e a casa pequena.

As casas são constituídas por duas zonas, a pública que será a cozinha e a sala comum com uma lareira, e a privada onde ficarão os quartos e a instalação sanitária.

A orientação das casas, como foi explicado tiveram influências do ponto de vista escolhido, mas também se considerou o sentido cardeal, ou seja, quisemos definir a sala de estar a sul e o quarto principal à noroeste, ficando com a visão nestas duas divisões do pôr do sol nas serras.

As tipologias das casas diferem no número de quartos e nas varandas, na casa grande existe o quarto principal com uma varanda e um quarto pequeno, e na casa pequena só há um quarto e não possui nenhuma varanda.

As casas vão ser de xisto no exterior para manter a identidade do local, a sua matéria geológica, serão compostas de maneira a terem um sistema construtivo moderno, para não haver um arrefecimento tão rápido dentro de casa.

A cobertura será feita de placas de xisto, como antigamente se fazia nesta região.

Como foi indicado, as formas dos edifícios que se irá desenvolver, foram pensados através da composição da casa, por essa razão, o edifício principal é formado por dois quadrados que se retira um pedaço de cada, originando um terceiro, onde irá localizar à porta principal, como se verifica nos pátios das tipologias. Na figura 67, será possível se ver a planta deste edifício. A entrada estará virada para a paisagem.

Esta unidade hoteleira vai dividir-se em diferentes patamares, começando na cota inferior com o edifício principal que terá uma rampa que vai dar acesso a uma piscina infinita, que se encontra a três metros acima da receção. Haverá outra rampa que sobe um metro para dar ao patamar onde se encontra a primeira casa, tipologia a casa grande, que é apta para mobilidade reduzida.

Os acessos às unidades de alojamento acontecem por um conjunto de lances de escadas, do lado norte, que sobe de quatro em quatro metros, de maneira a não incomodar as vistas de nenhuma casa, o caminho estará marcado num passeio de xisto.



Figura 61: Render da casa grande, vista interior para o pátio

Fonte: autora, 2020

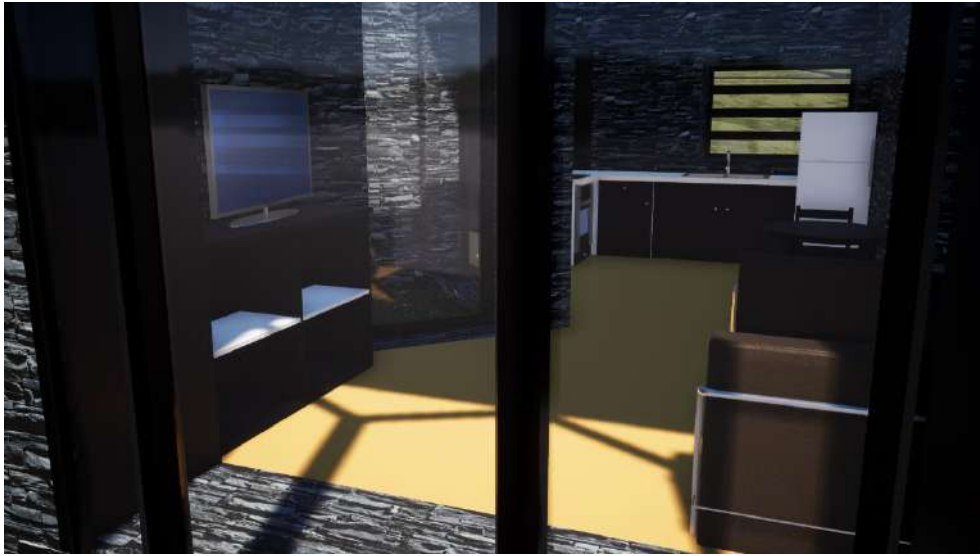


Figura 62: Render da casa pequena, vista para sala

Fonte: autora, 2020



Figura 63: Render da casa grande, vista do quarto

Fonte: autora, 2020

V.2.2 Associação e restaurante

O terreno onde irá localizar o alojamento, encontra-se em frente da associação e restaurante. A razão pela qual o restaurante se situa neste local é porque também ajuda a servir como apoio ao alojamento.

A associação é um edifício existente que não possui valor patrimonial, mas é um marco da aldeia, pertence à sua história e é o espaço de convívio, razão pelo qual se pretende reabilitar, tenciona-se manter a sua estrutura, a sua materialidade, as duas escadas exteriores e as duas entradas principais. Planeja-se substituir o interior do edifício de modo a introduzir melhor o programa funcional para este equipamento.

A ideia de como unir o edifício antigo e o novo, surgiu com o caso de referência citado no capítulo III, onde no meio dos dois edifícios, associação e o restaurante, vai haver um elemento quadrangular de vidro que se encontrará rodado como acontece nos pátios das tipologias.

O material de construção na associação é de cimento rebocado a pintura branca.

O programa inserido neste equipamento, é dividido por pisos. No piso térreo, será composto por uma sala de exposição sobre a história do Goulinho, através de uma exposição com fotografias das pessoas do Goulinho e objetos, desenvolvendo um espaço para partilhar a cultura e história do local. Na zona posterior da entrada principal do edifício disporá uma entrada para o pessoal, onde se ficará a sala de arrumos, que só tem acesso pela sala de exposição, e a zona de administração, composta por uma sala de reuniões e um escritório que para obter luz natural, terá uma claraboia, que acompanha a passagem para o primeiro piso, através de uma escada que direciona para a zona de funcionários, organizada por uma instalação sanitária, um espaço de vestir com chuveiro e uma sala de estar, tem um vão que vai dar a uma sala polivalente, onde estará o bar e na altura da festa, irá montar-se a quermesse, as colunas para o som e os jogos, como a mesa de ping pong e matraquilhos. Tem uma varanda e duas entradas laterais, uma vai ter acesso para o exterior e outra para a entrada central.



Figura 64: Render na zona de acesso do piso térreo

Fonte: autora, 2020



Figura 65: Render da ligação entre o restaurante e a associação

Fonte: autora, 2020

Esta entrada central é o elemento de ligação da associação com o restaurante, como foi apontado, a sua forma é um quadrado rodado, vai ser a receção para o restaurante. Os materiais utilizados serão o vidro e zinco, para que passe despercebida na junção e realçar a fusão entre o novo e o velho. Através da materialidade utilizada é possível admirar a vista e a organização dos espaços que a rodeiam.

O restaurante tem capacidade para receber os hóspedes do alojamento e os funcionários da fábrica. Este local vai ser composto por uma copa e uma sala de refeições com uma lareira.

O edifício é construção nova, onde se respeita a identidade e os materiais do local, a fachada vai ser de xisto e a sua cobertura de placas de xisto e vai ter os vãos voltados, como mencionado, para a paisagem das montanhas e da Aldeia das Dez.



Figura 66: Render do restaurante

Fonte: autora,2020



Figura 67: Render do ambiente interior noturno do restaurante

Fonte: autora, 2020

V.2.3 Fábrica de serração, carpintaria e pellets

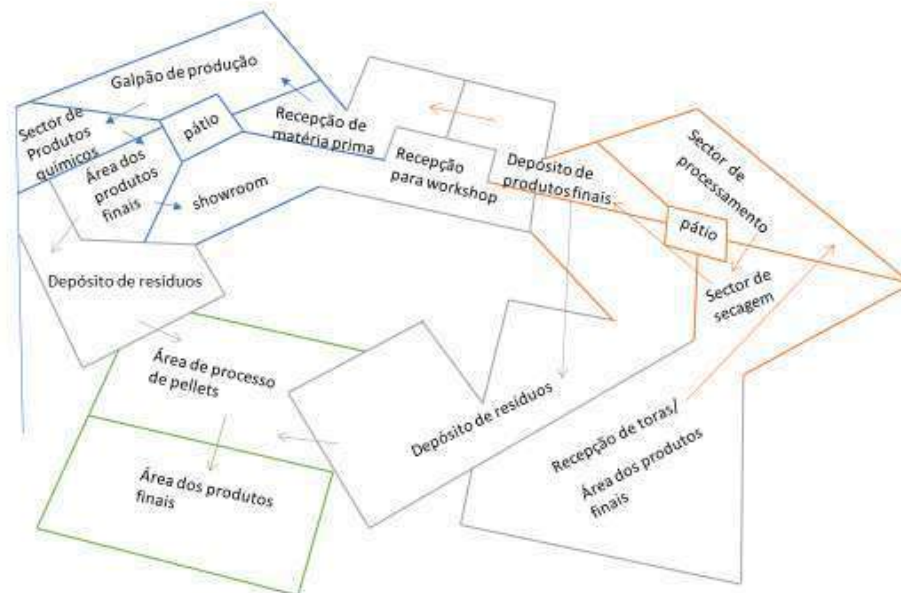


Figura 68: Esquema das áreas e organização da fábrica

Fonte: autora, 2019

Na cota, onde fica o piso térreo da associação irá ser projetado um caminho até a fábrica, as intenções sobre como projetar este caminho foi referenciado no subcapítulo “V.1 Projeto Urbano”.

Como foi indicado, o caminho tem diversos patamares onde haverá miradouros e um café de quiosque.

Os vestígios da sua estrutura será demolida pois o edifício encontra-se fechado há vários anos e não possui qualquer valor de patrimonial. A fábrica vai continuar com a sua função original, acrescentando um novo sector, necessitando de mais área e continuará no seu local existente.

A nova fábrica será planeada de maneira diferente de um edifício industrial, e conjugado com a forma dos outros equipamentos desenvolvidos nesta estratégia e com o novo programa tornar-se-á mais complexa do que a antiga.

O programa, será dividido em três secções, respetivamente, a carpintaria, a serração e a produção de pellets.

A estratégia para desenhar a sua estrutura foi pensada através de quadrados que possuíssem a área necessária para cada secção mesmo retirando um pedaço para formar os pátios, tal como as tipologias do alojamento.

A melhor forma de unir estes três elementos foi através de quatro elementos quadrados que em algumas secções irão servir para ser a zona de depósitos ou de armazenamento quer de matéria prima quer do produto final. Estes quatro quadrados vão ser de zinco para se saber distinguir das três divisões de trabalho e porque é um material de fácil conjugação com o tijolo.

A carpintaria, é um quadrado de 23m por 23m com pé direito de 8m, o material será tijolo para manter a aparência da fábrica existente, e irá ter um pátio no seu centro. A entrada para os funcionários e visitantes, é feita através de um elevador que vem desde o piso térreo até à cobertura verde, onde se encontra o caminho que vem do piso térreo da associação.

Este sector será composto pela zona de receção para os workshops e reserva da matéria prima, a área de disposição de resíduos, a zona de produção, o local para uso de materiais químicos, a área de reserva de produtos acabados/carregamentos e na mezzanine, haverá um espaço para os funcionários e outro para a administração.

A ideia é promover o trabalho manual tradicional deste local, havendo workshops, e estabelecendo uma relação entre os habitantes e turistas.

O elemento de fusão entre a carpintaria e serração, vai ser um quadrado de 17.6m por 17.6 m, havendo assim passagem de um sector para o outro. Este elemento será o local de receção da matéria prima para a carpintaria e a área do produto final da serração.

A serração, como a carpintaria é um quadrado de 25m por 25m, o material também é de tijolo e com um pátio no centro. Este sector está dividido por uma zona de produção onde as torras vão ser cortadas e tratadas, tem uma área de secagem, o seu deposito de resíduos e a zona de receção de toras com uma área extra para os

produtos finais em dois quadrados, um terá as dimensões de 17.5m por 17.5m e outro que é de 11,5m por 11,5m, irão ser a junção interior para a secção de pellets.

Os pellets são biocombustível sólidos que vêm dos resíduos da madeira, tendo como vantagem ser um combustível limpo, ou seja, a sua combustão emite uma baixa emissão de gases do efeito estufa, queima por mais tempo e há a reciclagem pois para a produção, a matéria prima necessária vem dos resíduos da serração, dos pedaços de madeiras que são descartados como as cascas.

este sector tem como medidas 18m por 18m, é devido por uma zona de produção que consiste em reduzir o tamanho, para ficar 2.5 cm, seguindo para a secagem que pode ser feita ao natural ou num forno industrial, transportando para uma misturadora, garantindo todos os pedaços ficam uniformes e consistentes em densidade, humidade e tamanho. Passam para a máquina de pellets onde vão ser prensados por uma peça de metal perfurado, tirando finalmente para resfriar pois quando os pellets saírem da prensa irão estar quentes e húmidos, espalhando-os e deixando-os secar naturalmente, por fim empacotá-los em sacos e armazená-los na zona do produto final.

Este elemento também está unido à carpintaria através de um quadrado de 11.5m por 11.5m e é a zona de resíduos desta última referida.

A estratégia arquitetónica vai funcionar desta forma, e para ajudar é necessário criar um roteiro turístico com os pontos de visita do Goulinho, ajudando o turismo a ganhar mais força e atrair mais pessoas.

Estes pontos de visita irão ser escolhidos com base nos mapas do Programa de Aldeia de Xisto, pois os marcos serão semelhantes devido a serem dos mesmo meios rurais e possuem algumas características idênticas.



Figura 69: Render da entrada de recepção do material para serração

Fonte: autora,2020



Figura 70: Render da entrada de funcionários e visitantes

Fonte: autora, 2020





Figura 72: Local das fontes, Goulinho
Fonte: autora, 2019



VII: Considerações Finais

O Goulinho é uma aldeia rural, atualmente encontra-se abandonada, como muitas aldeias no interior do país, com potencialidades que não estão a ser aproveitadas.

Foi escolhido este tema devido a este motivo, porque nestes meios é possível desenvolver construções mais sustentáveis devido aos seus antigos sistemas de construção e ao uso das matérias primas do local, porque estes meios necessitam de uma estratégia para reabilitar, não só economicamente como culturalmente e pela arquitetura é possível desenvolver um método eficaz, capaz de ajudar a melhorar a qualidade de vida neste meio rural.

Na investigação para a proposta, percebeu-se que o desenvolvimento de uma estratégia económica e social numa aldeia rural, baseava-se na elaboração de três componentes: a infraestrutura, a imaterial e a empregabilidade.

A infraestrutura está relacionada com as intervenções de reabilitação urbana de criação e/ou requalificação de equipamentos públicos e de acessibilidade, sucedendo ao desenvolvimento de caminhos que ligam a cota mais inferior, onde se localiza a fábrica, até uma das cotas mais alta da aldeia, onde se encontra o piso térreo da associação.

No que diz respeito ao aspeto imaterial, é a promoção, divulgação e comunicação, a partir do turismo, nomeadamente a rota turística, a associação, através da sala de exposição para montar uma exibição sobre a história do Goulinho, no bar e no restaurante, promovendo as receitas tradicionais, e irá ser projetado uma unidade de alojamento composta por duas tipologias de casas.

E por fim, a empregabilidade que será gerada pela reabertura da fábrica, onde se vai manter a carpintaria e a serração e acrescentar a produção de pellets, a associação e o restaurante também irão necessitar de funcionários e no alojamento.

Esta foi a melhor solução que se encontrou como estratégia económica e social. A ideia foi promover e aproveitara identidade do local e o meio onde se insere, e desenvolver com base nestas características.

A escolha de localização de dois momentos foi consoante a existência dos equipamentos, nomeadamente a associação e a fábrica, e o sítio do alojamento foi estratégico com o restaurante para os visitantes que pernoitam possam utilizar. E os caminhos foram pensados de forma a unir estes três momentos e quando se percorre consiga vislumbrar e conhecer o Goulinho.

A forma simplista destes edifícios e a abertura dos espaços são pensados devido às estruturas existentes e à paisagem. Os objetivos são que se perceba a sua organização, quer seja dentro dos edifícios como no exterior, também se pretende contemplar a Natureza que a rodeia e manter a identidade do local com o seu material dominante.

A conclusão que se pode tirar é que esta estratégia foi a melhor consoante as possibilidades existentes, respeitando o tipo de construções que se costuma encontrar neste meio, aproveitando as suas características e tradições.

Bibliografia

AA. VV. (2003) – Paisagens urbanas e rural em causa- Entrevista- Publicado no Jornal A Capital em 14 de dezembro de 1981, in *A Utopia e os Pés na Terra*. Gonçalo Ribeiro Telles, Lisboa, Instituto Português de Museus, p. 309.

APPLETON, João (2011) - *Reabilitação de Edifícios Antigos - Patologias e tecnologias de intervenção*, Lisboa, 2ª Edição, Edições Orion.

ARAÚJO, Ilídio (2003) - A Protecção da natureza e das paisagens no Planeamento da sua gestão- Evocação Histórica e Critica de uma experiência de meio século, In AA. VV., *A Utopia e os Pés na Terra*. Gonçalo Ribeiro Telles, Lisboa, Instituto Português de Museus, p. 77.

CANCELA d'ABREU; CORREIA, T.P.; OLIVEIRA, R. (coord.), (2004) – *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continente*, Universidade de Évora, ed. DGOT-DU, 5 vol., Lisboa.

CANDAU, Jöel (2013) - *Antropologia da Memória*, Instituto Piaget, Lisboa.

CCDRC. Comissão de Coordenação da Região do Centro (2001) - *POCentro - Programa Operacional Regional do Centro 2000-2006* (Complemento de Programação) [Coimbra:] CCDRC.

CORREIA, E. P. (2005) - *Êxodo Rural e Desertificação Humana. A morte de uma Freguesia do Alentejo Central: São Bento da Ana Loura*, Lisboa, Edições Colibri.

COVAS, António; COVAS, Maria das Mercês (2011) - *A Grande Transição- Pluralidade e Diversidade no Mundo Rural*, Lisboa, Edições Colibri.

GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Erneste Veiga de (2003) - *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, 5ªed. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

GONZÁLEZ, J. M. (1991) - *A Casa Popular Sanabresa: formas y elementos decorativos*. Zamora: Instituto de estudios Zamuranos "Florián de Ocampo".

HALBWACHS, Maurice (1968) - *La Mémoire Collective*, Paris, 2ªed., Presses Universitaires de France.

ROMERO, Marta Adriana Bustos (2001) – *A arquitetura Bioclimática do Espaço Público*, Universidade de Brasília.

SILVA, Joaquim Sande (2007) - *Árvores e florestas de Portugal – Floresta Portuguesa*, Lisboa, Fundação Luso-Americana com parceria Público.

SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS (2004) – *Arquitetura Popular em Portugal*, Lisboa, Ordem dos Arquitectos.

NORBERG-SCHULZ, C. (1984)- *Genius Loci – Towards a Phenomenology of Architecture*, Nova Iorque.

WEBGRAFIA

[https://www.cm-](https://www.cm-oliveiradohospital.pt/pdf/pdm/24_ficha_dados_estatisticos/FICHA_DE_DADOS_E_STATISTICOS_DE_PLANO_DIRETOR_MUNICIPAL.pdf)

[oliveiradohospital.pt/pdf/pdm/24_ficha_dados_estatisticos/FICHA_DE_DADOS_E
STATISTICOS_DE_PLANO_DIRETOR_MUNICIPAL.pdf](https://www.cm-oliveiradohospital.pt/pdf/pdm/24_ficha_dados_estatisticos/FICHA_DE_DADOS_E_STATISTICOS_DE_PLANO_DIRETOR_MUNICIPAL.pdf)

<http://fotoxisto.aldeiasdoxisto.pt/sobreprojecto/9/5/35> [acedido em fevereiro de 2016]

<https://planetofhotels.com/en/andorra/encamp/casa-rural-de-les-arnes-r-de-rural>

https://www.gites.fr/gites_r-de-rural---casa-rural-de-les-arnes_encamp_h487671_en.htm

<https://www.wander.am/travel/encamp-57486/hotels/r-de-rural-casa-rural-de-les-arnes-881984>

<https://aldeiasdoxisto.pt/aldeia/aldeia-das-dez>

<https://aldeiasdoxisto.pt/POI/1416>

<http://www2.icnf.pt/portal/agir/boapratific/dfci>

<http://www.gerescasas.com/aluguer/casa-rural-castro-laboreiro-casa-da-eira-aldeia-de-pontes-234907.html>

<http://www.gerescasas.com/aluguer/casa-rural-castro-laboreiro-casa-da-corga-aldeia-de-pontes-235124.html>

http://www.aldeiasportugal.pt/sobre/12/?entries_hot_page=3#.Xg8cykf7SUn

<https://www.cm-melgaco.pt/visitar/>

https://www.archdaily.com/791430/terra-cotta-studio-tropical-space?ad_medium=gallery

<https://khonggiannhietdoi.com/terra-cotta-studio/>

<https://www.dezeen.com/2016/07/19/terra-cotta-studio-tropical-space-perforated-brickwork-riverside-pottery-studio-vietnam/>

<http://www.acomarcadearganil.pt/goulinho-aldeia-das-dez-gratidao-ao-homem-do-povo/>

<https://aldeiasdoxisto.pt/poi/35>

<https://aldeiasdoxisto.pt/regional-organization/serra-do-acor>

<https://aldeiasdoxisto.pt/regional-organization/zezere>

<https://aldeiasdoxisto.pt/regional-organization/tejo-ocreza>

https://www.designingbuildings.co.uk/wiki/Vernacular_architecture

<http://docplayer.com.br/75794283-Seminario-reabilitacao-energetica-de-edificios-livro-de-atas-guimaraes-28-de-setembro-de-2012.html>

Anexos

01 FUTURO NO GOULINHO
EQUIPAMENTO MULTIFUNCIONAL COMO ESTRATÉGIA DE REABILITAÇÃO DE UMA ÁREA RURAL

FACULDADE DE ARQUITECTURA | SEMINÁRIOS DE APOIO À FVM
CLAUDIA MARINA LOURENÇO MATIAS | 20141070 | MARGO
CILEN AÇÃO CIEN. II, I, IV, PROFESSOR DOUTOR JOSE AFONSO
PROFESSOR DOUTOR JOSE LUIS CASTRO

PROBLEMÁTICAS:

- Localidade desconhecida
- Despovoada
- Desemprego
- Incêndios
- Queimada ou aberta

OBJECTIVOS

- Preservar a paisagem
- Rolo turístico
 - Pontos de vista / Paisagem rural
 - Ruínas
- Salvaguardar a memória do lugar
- Reabilitar e reabilitação da fábrica
 - Incorporação de resíduos orgânicos
 - Serração e Concretão
- Reabilitação do edifício do escolástico
 - Museu
 - Restauração
 - Associação
- Criação de um alojamento

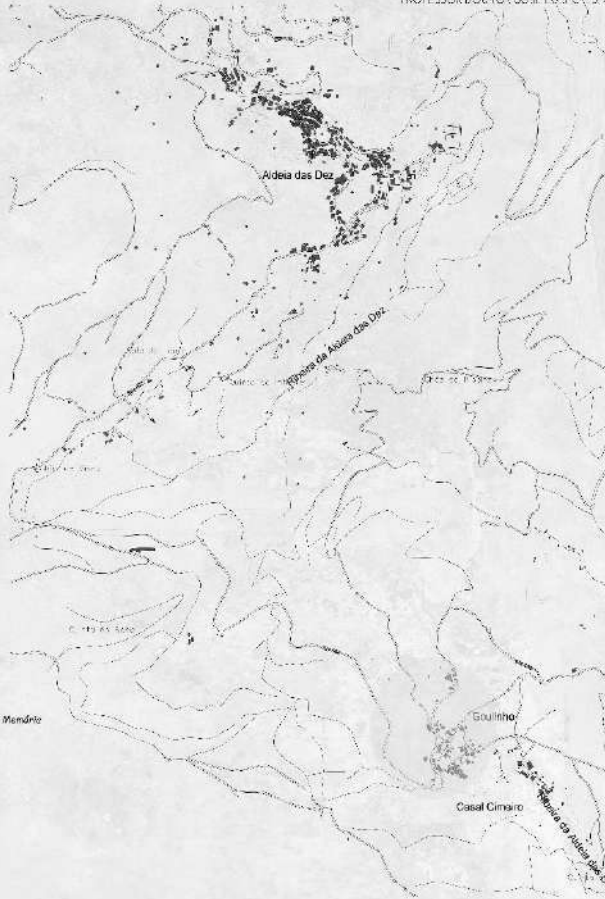
Capítulo I:
Paisagem, Despovoamento, Reabilitação e Memória

Capítulo II:
Casos de referência


Capítulo III:
Goulinho

Capítulo IV:
Projecto urbano

Capítulo V:
Projecto Arquitectónico



PAISAGEM **DESPOVOAMENTO** **REABILITAÇÃO** **MEMÓRIA**

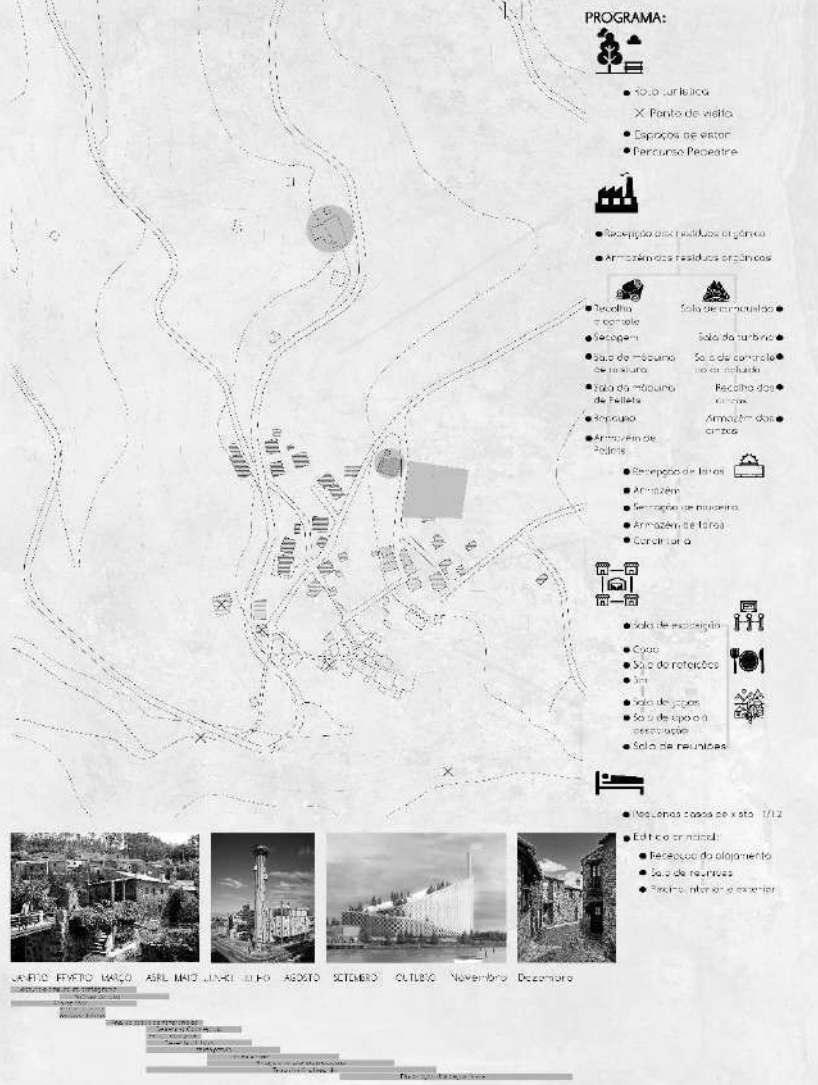


Painel 1- seminários 2019

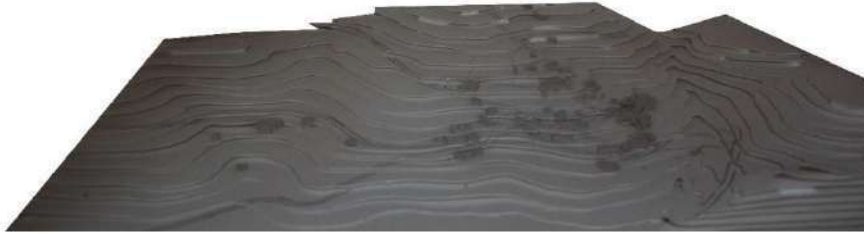
02

FUTURO NO GOULINHO
EQUIPAMENTO MULTIFUNÇÃOAL COMO ESTRATÉGIA
DE REABILITAÇÃO DE UMA ÁREA RURAL

ESCOLA DE ARQUITECTURA | SEMINÁRIOS DE APOIO À PFM
CLÁUDIA MARINA LOURENÇO MATIAS | 2014|1378 | MIARGUEDO
CILEN AÇÃO CILEN UÇA-PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUIS CRESPINO



Painel 2 – seminários 2019



Maquete de estudo 1:1000



0 8 16 24 m

Planta de Implantação Escala: 1/2000



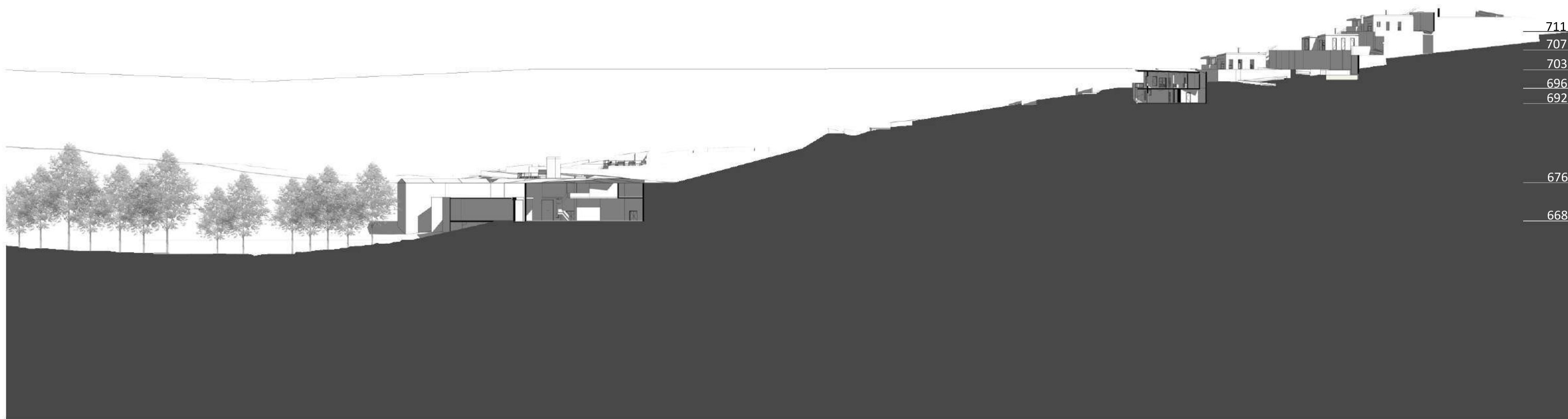
■ Maior altitude □ Menor altitude

FUTURO NO GOULINHO.

Cláudia Marina Lourenço Matias | 20141378

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA : PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPO





Perfil Longitudinal



Fotomontagem com a Proposta



Equipamento: Fábrica de Serração, Carpintaria e Pellets

0m 4m 8m 12m

Planta da cota 668 Escala: 1/500

- | | | | | | |
|--------------------|--|---------------------------------|--------------------------------|-------------------------------|---------------------------|
| Sector Serração | 1- Recepção de toras/ Área dos produtos finais | 2- Sector de processamento | 3- Sector de secagem | 4- Depósitos do produto final | 5- Recepção para workshop |
| Sector Carpintaria | 6- Recepção de matéria prima | 7- Galpão de produção | 8- Sector de produtos químicos | 9- Área dos produtos finais | 10- Showroom |
| Sector Pellets | 11- Depósitos de resíduos | 12- Área de processo de pellets | 13- Área dos produtos finais | 14- Depósitos de resíduos | 15- Pátios |

FUTURO NO GOULINHO.

Cláudia Marina Lourenço Matias | 20141378

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA : PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPO



Equipamento: Fábrica de Serração, Carpintaria e Pellets

1- Zona de administração (sector serração)

2- Zona de funcionários (sector serração)

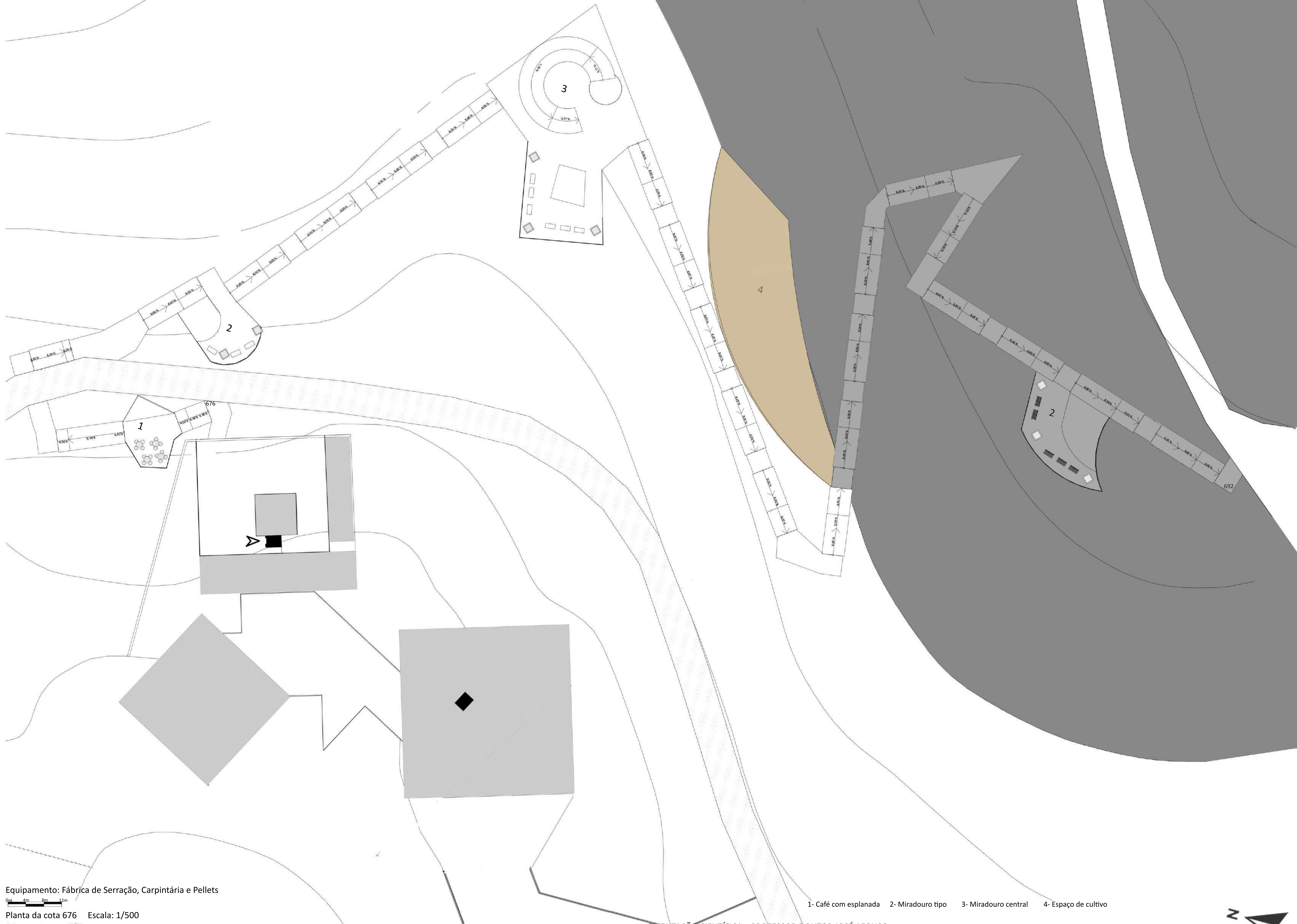
3- Zona de administração (sector carpintaria)

4- Zona de funcionários (sector carpintaria)

0m 4m 8m 12m

Planta da cota 673

Escala: 1/500



Equipamento: Fábrica de Serração, Carpintaria e Pellets

0m 4m 8m 12m

Planta da cota 676 Escala: 1/500

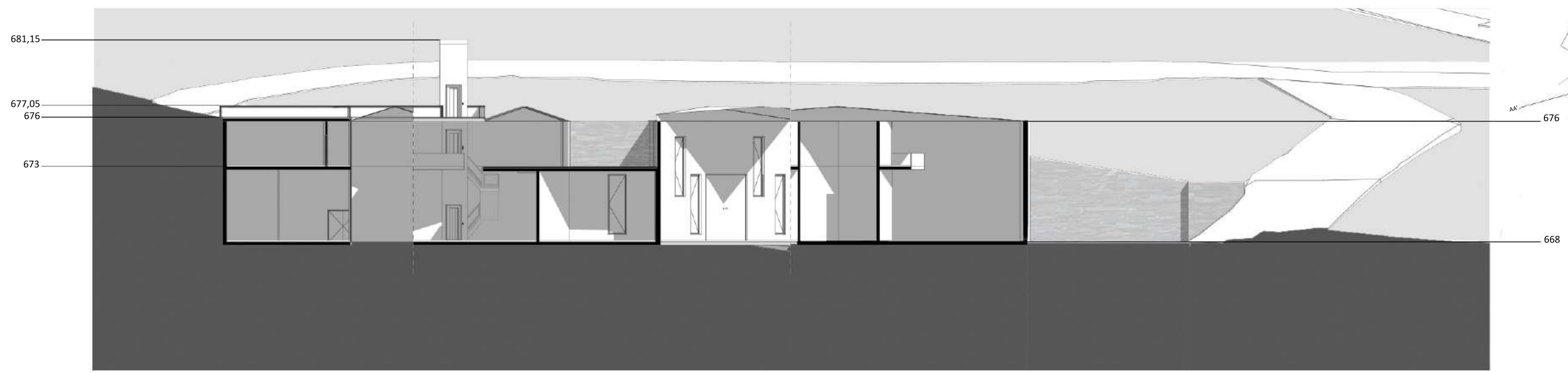
FUTURO NO GOULINHO.

Cláudia Marina Lourenço Matias | 20141378

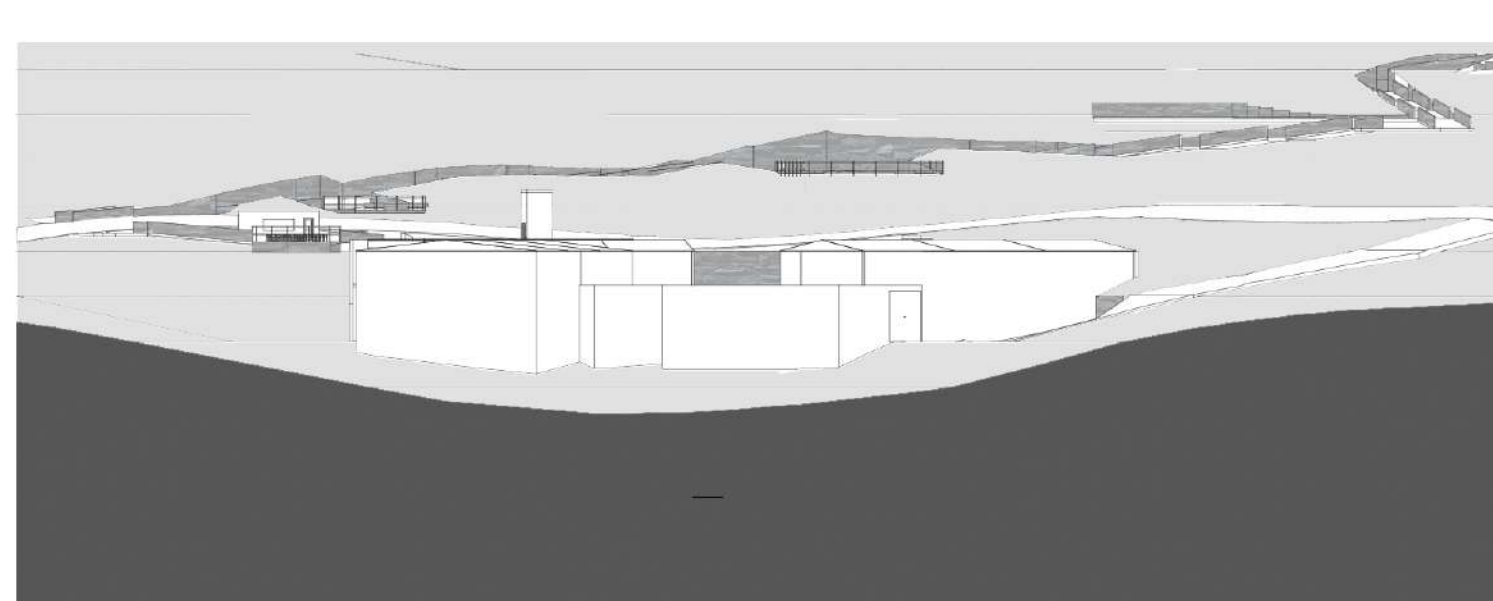
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA : PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPO

1- Café com esplanada 2- Miradouro tipo 3- Miradouro central 4- Espaço de cultivo

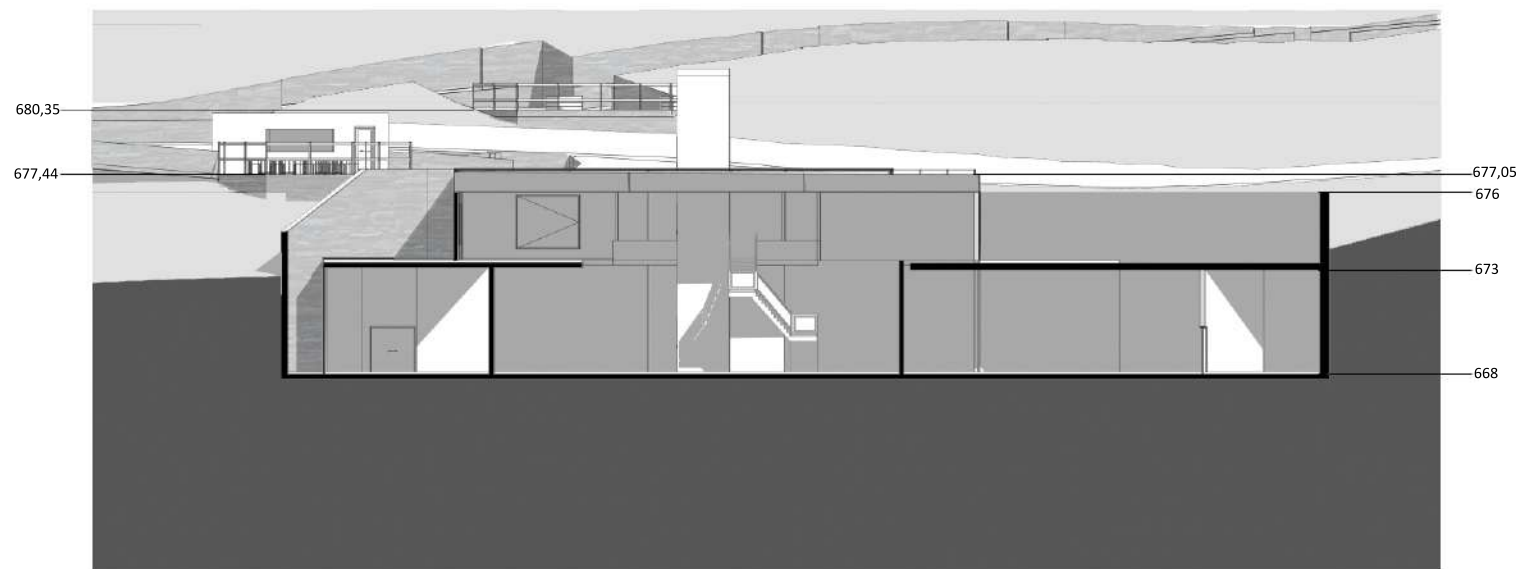




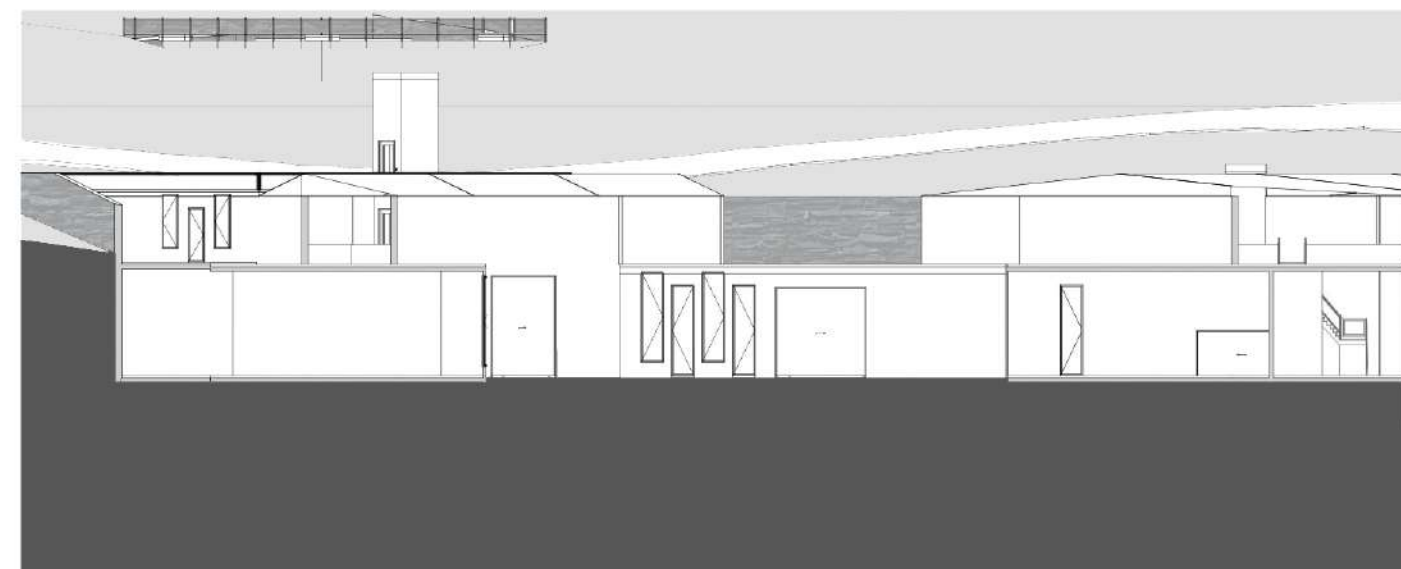
Corte AA'



Alçado Oeste



Corte BB'



Alçado Interior

Equipamento: Fábrica de Serração, Carpintaria e Pellets



Cortes e Alçados Escala: 1/500



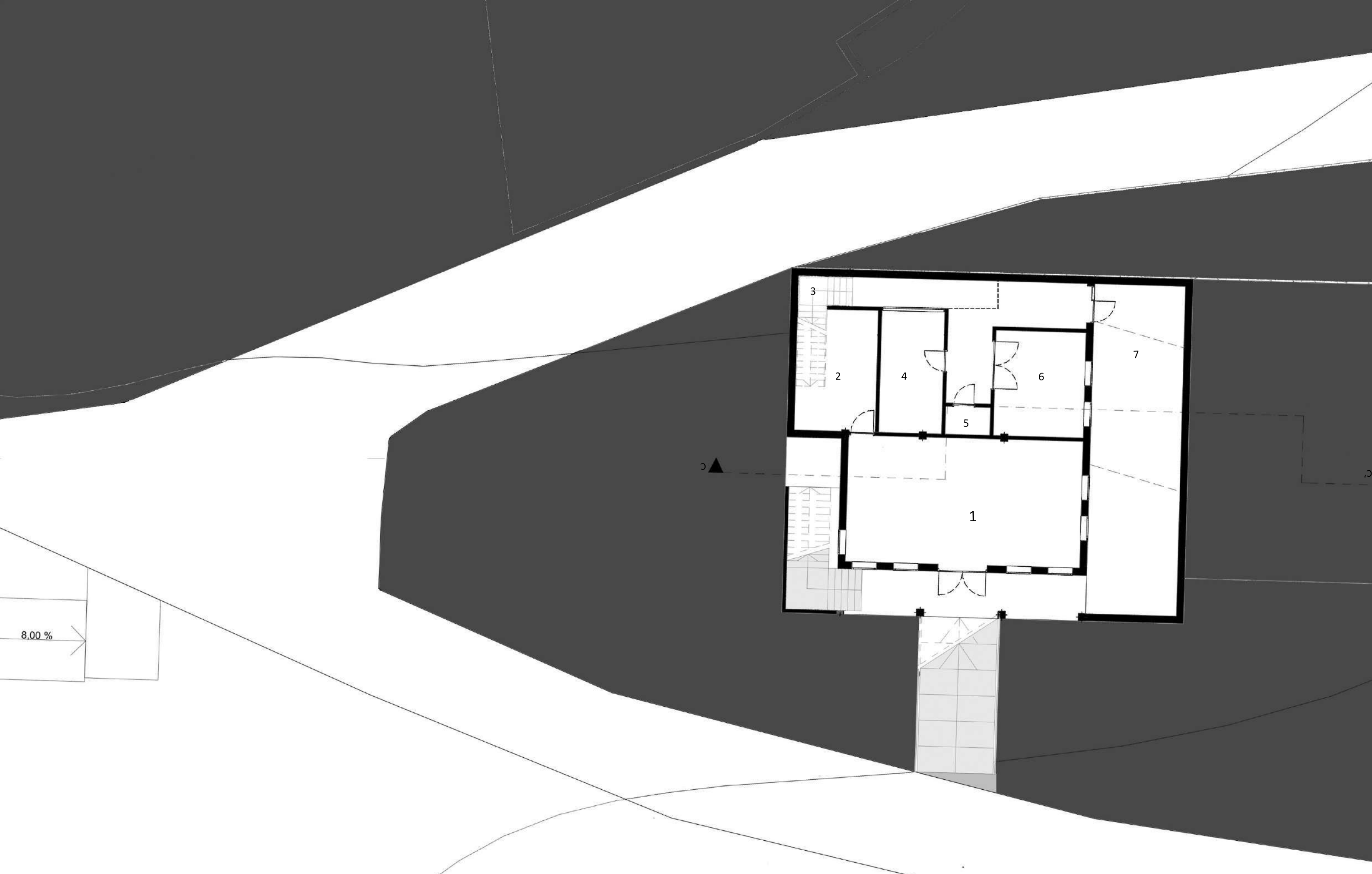
FUTURO NO GOULINHO.

Cláudia Marina Lourenço Matias | 20141378

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA : PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPO



Equipamento: Caminho pedestre
Diferentes Pontos de Paragem



8,00 %

Equipamento: Associação e Restaurante

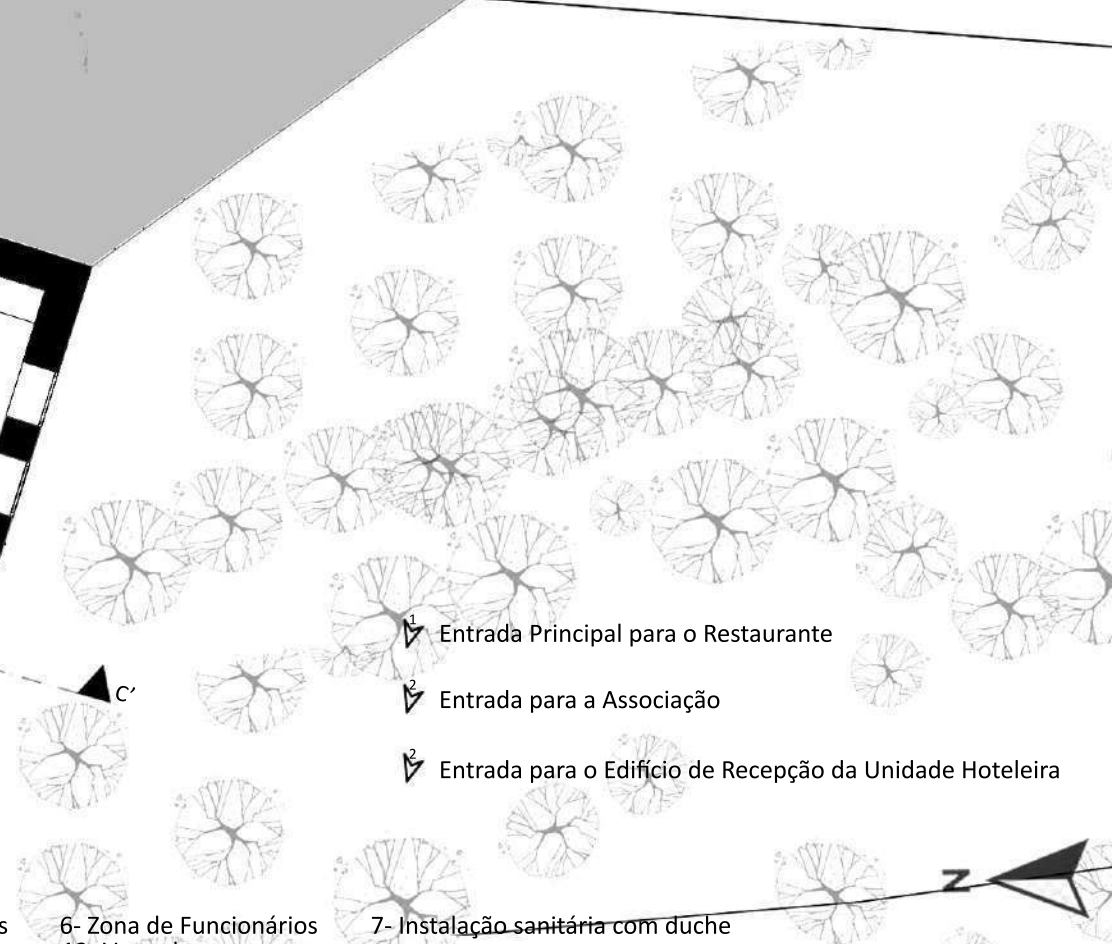
0m 2m 4m 6m 8m 10m

Planta da cota 692

Escala: 1/200

- 1- Sala de exposição
- 2- Arrumos da zona de exposição
- 3- Núcleo de escadas
- 4- Escritório administrativo
- 5- Instalações sanitárias
- 6- Sala de reuniões
- 7- Entrada para os funcionários





- Entrada Principal para o Restaurante
- Entrada para a Associação
- Entrada para o Edifício de Recepção da Unidade Hoteleira

Equipamento: Associação e Restaurante + Unidade Hoteleira

0m 2m 4m 6m 8m 10m

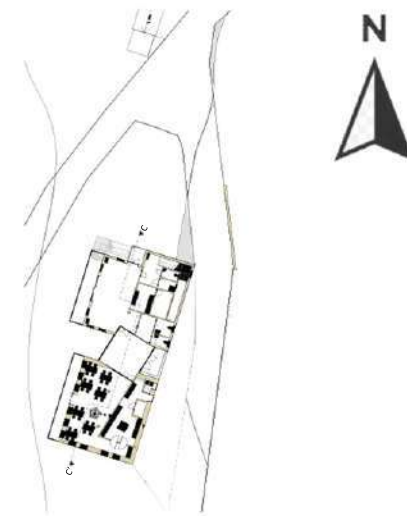
Planta da cota 696 Escala: 1/200

- | | | | | | | | |
|-----------------|-------------------------------|---------------------|---------------------------|---------------------------|-------------------------|-------------------------|-----------------------------------|
| Associação: | 1- Recepção | 2- Sala Polivalente | 3- Instalações Sanitárias | 4- Bar | 5- Arrumos | 6- Zona de Funcionários | 7- Instalação sanitária com duche |
| Restaurante: | 8- Restaurante | 9- Copa | 10- Despensa | 11- Zona de Lixos | 12- Varanda | 13- Recepção | 14- Sala de espera |
| Uni. Hoteleira: | 15- Escritório administrativo | 16- Arrumos | 17- Lavandária | 18- Arrumos para as malas | 19- Percurso Monocarril | 20- Rampa | |

FUTURO NO GOULINHO.

Cláudia Marina Lourenço Matias | 20141378

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA : PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUIS CRESPO



Equipamento: Associação e Restaurante
 0m 2m 4m 6m 8m 10m

Corte CC' Escala: 1/200



Equipamento: Associação e Restaurante
0m 2m 4m 6m 8m 10m

Alçado oeste Escala: 1/200



Equipamento: Associação e Restaurante

Legenda:

- 1- Xisto 2- Caixa de ar 3- Isolamento Térmico 4-Alvenaria 5- Reboco 6- Azulejo 7-Telha em Xisto 8- Barreira de vapor 9- Isolamento Térmico 10- Barrotes em madeira 11- Rufo 12- Ardósia
 13- Moldura exterior Alumínio 14-Moldura interior Madeira 15-Vidro 16-Trepadeira 17-Madeira 18- Pavimento em madeira 19- Membrana Impermeável 20- Laje em Betão 21- Isolamento Térmico 22- Geotextil 23- Enrrocamento

Corte Transversal do Restaurante Escala: 1/20



Fachada oeste



Vista do restaurante para o elemento de ligação e associação

Equipamento: Associação e Restaurante



Ambiente interior noturno do restaurante



Ambiente interior diurno do restaurante

Equipamento: Associação e Restaurante

Equipamento: Associação e Restaurante

0m 2m 4m 6m 8m 10m

Planta da cota 699 Escala: 1/200

1- Zona dos funcionários 2- Copa 3- Instalação sanitária com chuveiro 4- Quarto 5-Percurso Monocarril 6- Primeira Paragem





Equipamento: Unidade Hoteliera
 0m 2m 4m 6m 8m 10m

Planta esquemática da organização da Unidade Hoteliera Escala: 1/200

1- Edifício Principal (Recepção) 2- Casa Tipologia Pequena 3- Casa Tipologia Grande 4- Paragens do Monocarril

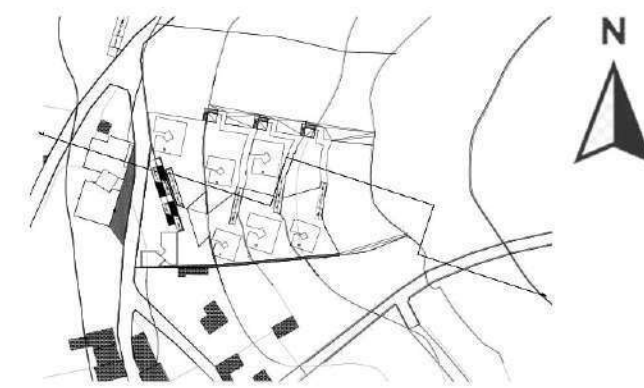
U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE ARQUITETURA

FUTURO NO GOULINHO.

Cláudia Marina Lourenço Matias | 20141378

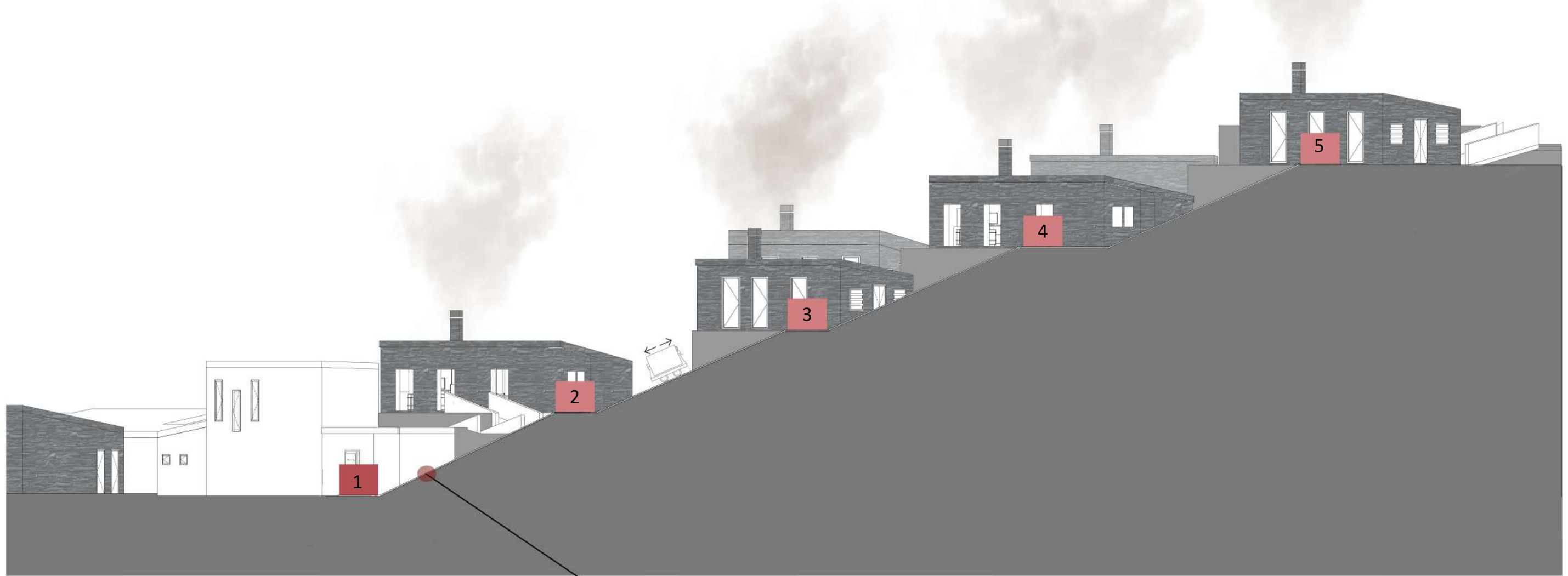
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA : PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO
 PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPO





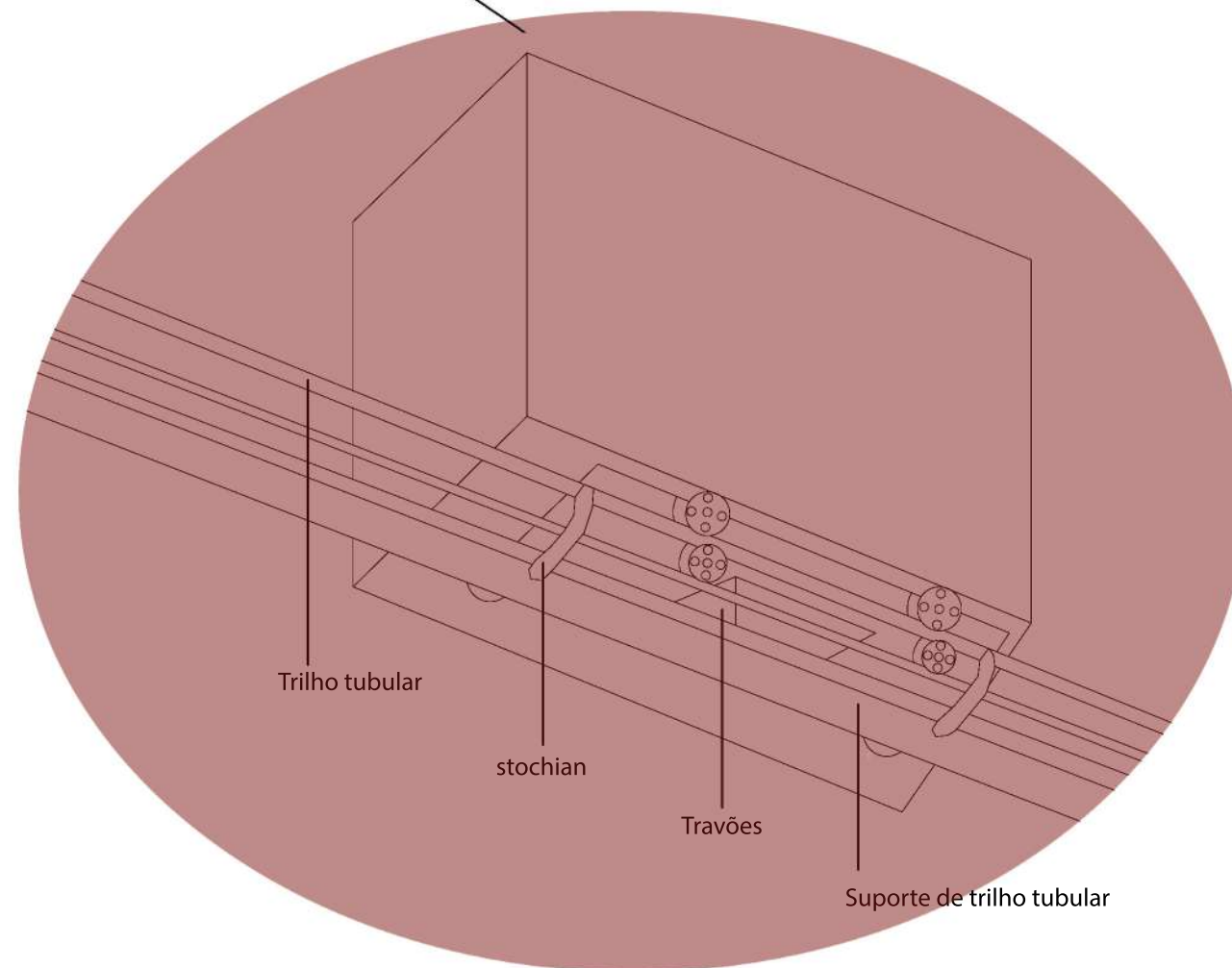
Equipamento: Associação e Restaurante
0m 2m 4m 6m 8m 10m

Corte DD' Escala: 1/200

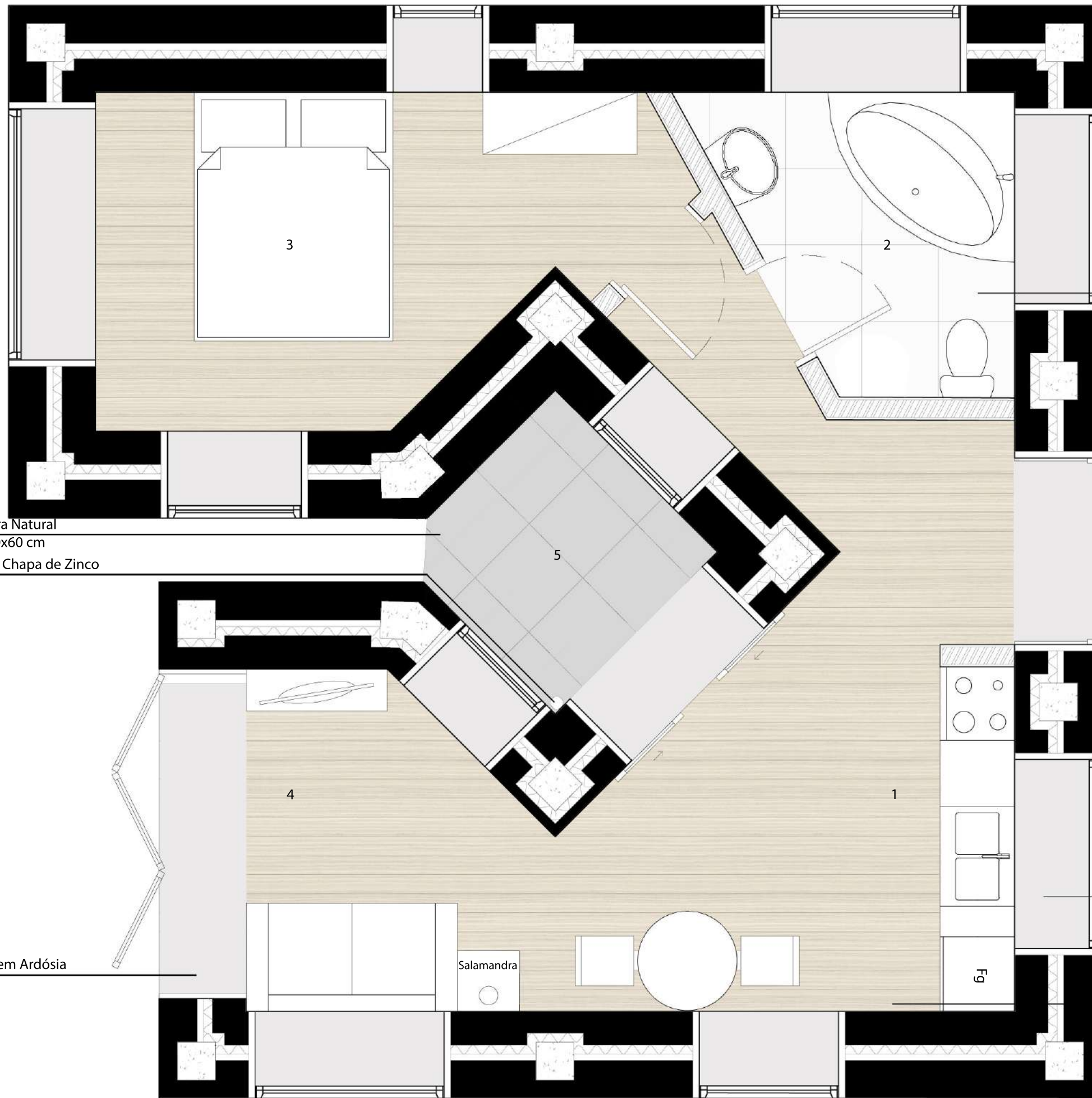


0m 2m 4m 6m 8m 10m

Localização das paragens



Equipamento: Alojamento
Esquema explicativo de como funciona o monocarril



Caixilho Dupla Face, exterior em alumínio com acabamento anodizado e interior em madeira

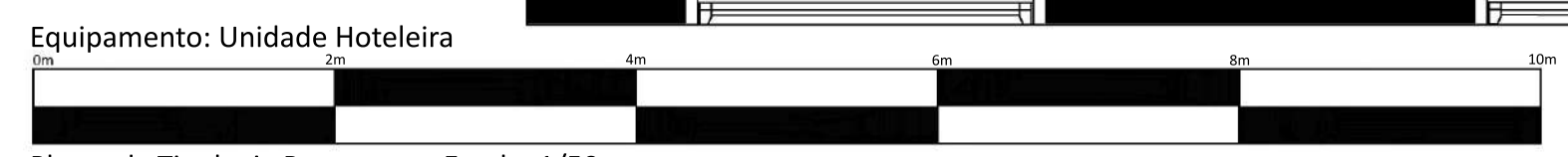
Pavimento em Mosaico Cerâmico Cinza claro 60x60 cm

Pavimento em Pedra Natural "Bhutan" Natural 60x60 cm
Tubo de Queda em Chapa de Zinco

Peitoril da janela em Ardósia

Pavimento de madeira maciça de Carvalho com acabamento em Verniz

Ombreira da Porta em Ardósia



Legenda dos espaços:
1 - Cozinha 2- Instalação sanitária 3- Quarto 4- Sala de estar 5- Pátio

Equipamento: Unidade Hoteleira
Planta da Tipologia Pequena Escala: 1/50

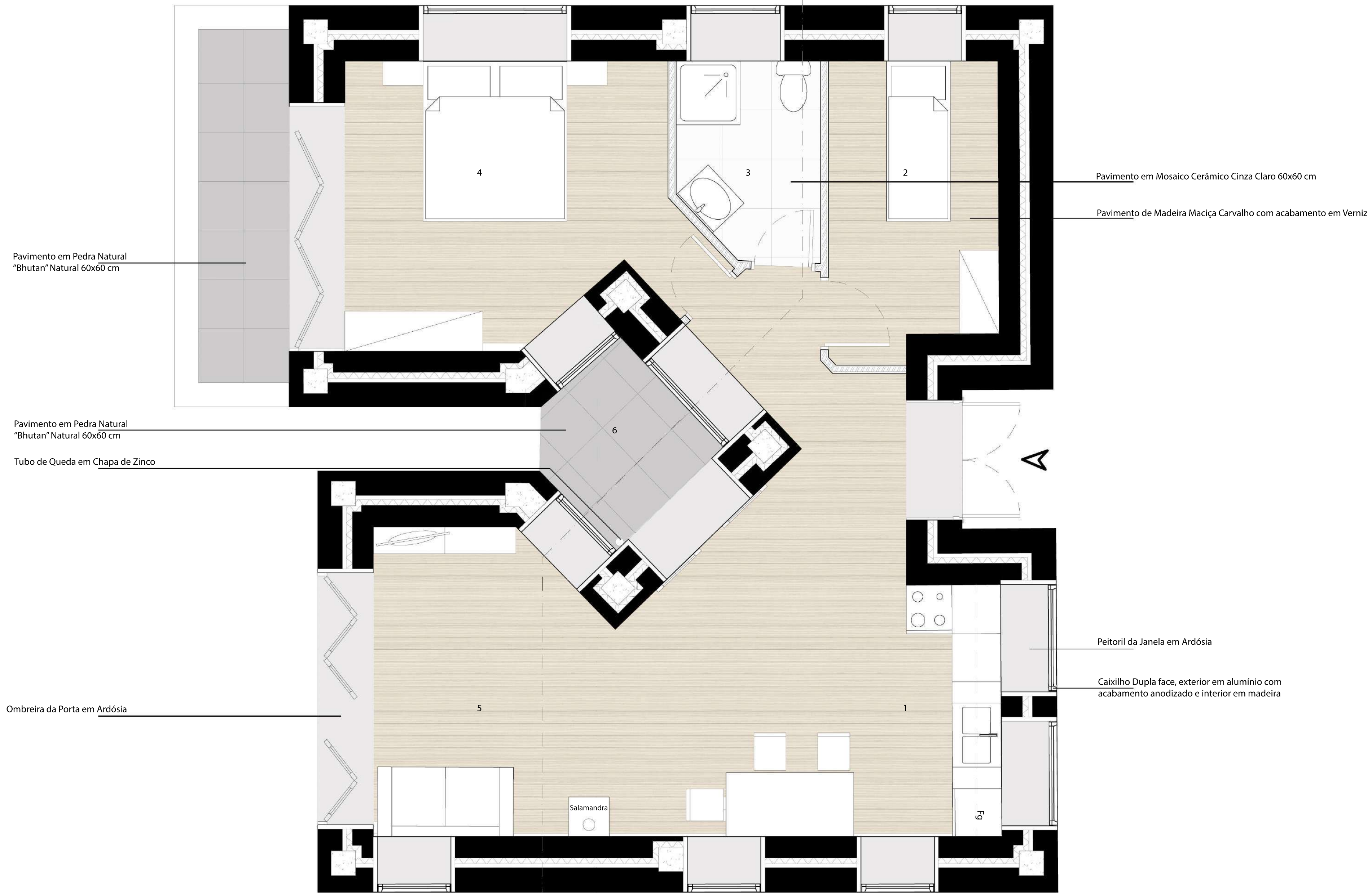


FUTURO NO GOULINHO.

Cláudia Marina Lourenço Matias | 20141378

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA : PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPO





Planta da Tipologia Grande Escala: 1/50

- Legenda dos espaços
- 1 - Cozinha
 - 2 - Quarto
 - 3 - Instalação Sanitária
 - 4 - Quarto Principal
 - 5 - Sala de estar
 - 6 - Pátio





- 1- Chaminé em Tubo Inox
- 2- Telha em Xisto
- 3- Isolamento Térmico
- 4- Barrotes em Madeira
- 5- Viga laminada de Madeira
- 6- Tubo de Queda em Chapa de Zinco
- 7- Parede interior revestida com Pedra natural, Xisto
- 8- Pavimento de Madeira Maciça Carvalho com acabamento em Verniz
- 9- isolamento Térmico
- 10- Caixilho de Dupla face, exterior em alumínio com acabamento anodizado e interior em madeira
- 11- Caixa de Ar
- 12- Parede revestida em Azulejo 64x64 cm
- 13- Parede exterior em Xisto
- 14- Pavimento em Mosaico Cerâmica Cinza Claro 60x60 cm

Equipamento: Unidade Hoteleira



Corte EE' Escala: 1/50



Equipamento: Unidade Hoteleira
Edifício de recepção

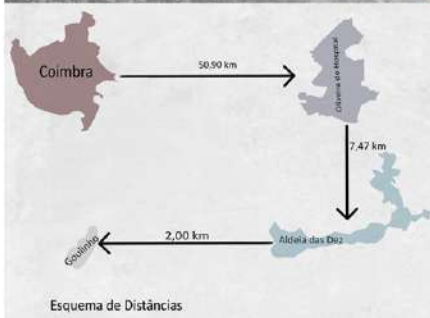


Organização espacial da unidade



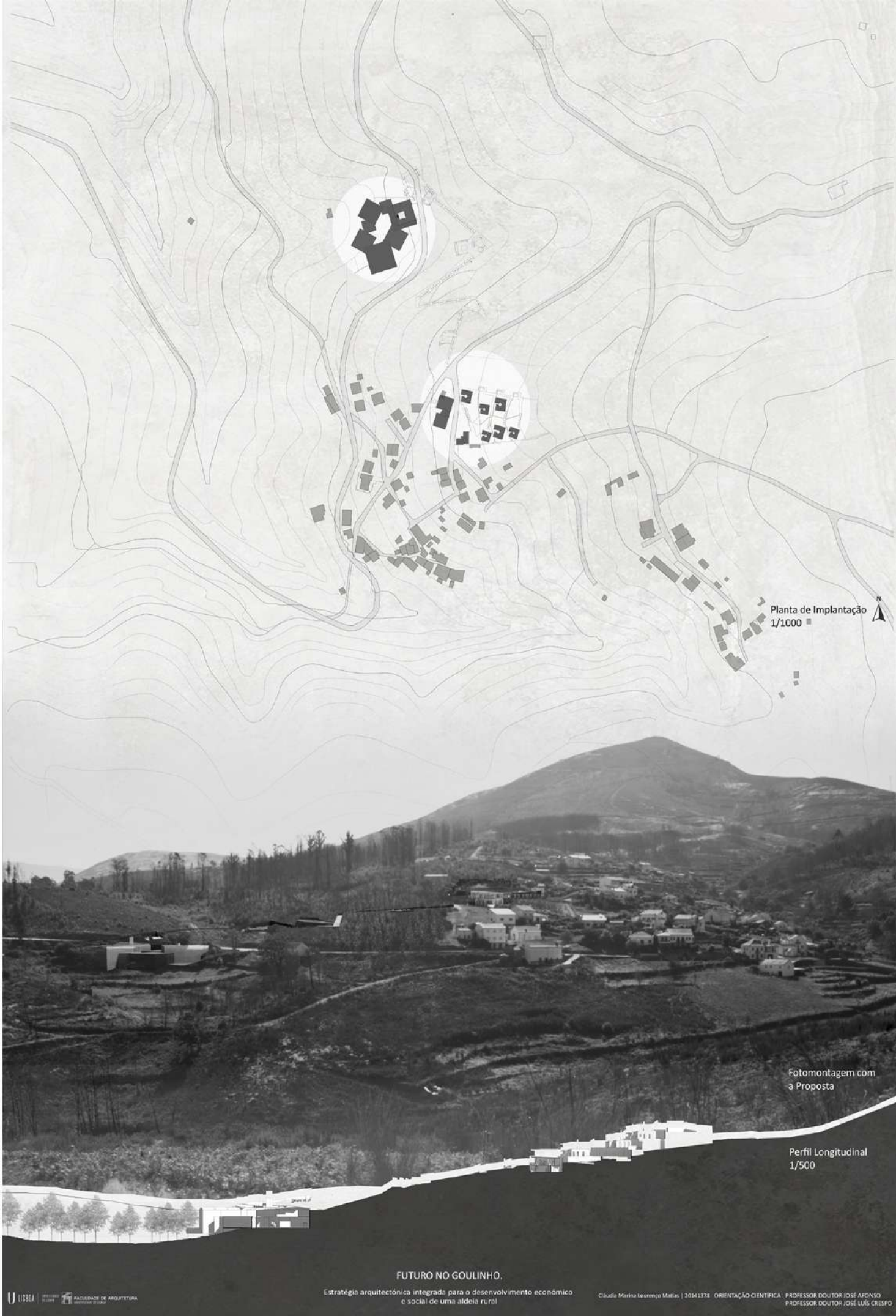
Fachada Oeste da Tipologia Grande

Equipamento: Unidade Hoteleira



FUTURO NO GOULINHO.
Estratégia arquitectónica integrada para o desenvolvimento económico e social de uma aldeia rural

Claudia Marina Lourenço Matos | 20141378 ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUIS GRESPO



Planta de Implantação
1/1000

Fotomontagem com
a Proposta

Perfil Longitudinal
1/500

FUTURO NO GOULINHO.

Estratégia arquitetónica integrada para o desenvolvimento económico
e social de uma aldeia rural

Cátia Maria Lourenço Matias | 20141378 ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA PROFESSOR DOUTOR JOSÉ ARONSO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPINO



Planta de Coberturas (cota 668)
Escala 1/500

Planta do Piso Térreo (cota 664)
Escala 1/500



Planta do Piso Intermédio (cota 669)
Escala 1/500

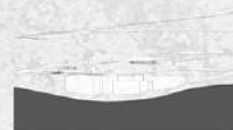
- LEGENDA
- 1- ZONA DE PRODUÇÃO
 - 2- ZONA DE SECAÇÃO
 - 3- ZONA DE PRODUTOS ACABADOS/ RECEÇÃO DE TORAS
 - 4- ZONA DE DEPOSITOS DE PRODUTOS ACABADOS DA SERRAÇÃO
 - 5- ZONA DE DEPOSITOS DE RESÍDUOS
 - 6- RECEÇÃO MATÉRIA PRIMA
 - 7- ARRUMADOS
 - 8- GRÃO DE PRODUÇÃO
 - 9- ARRUMARIPO DE PRODUTOS QUÍMICOS
 - 10- ZONA DE DEPOSITOS PRODUTOS ACABADOS DA CARPINTARIA
 - 11- SHOWROOM / RECEÇÃO PARA WORKSHOPS
 - 12- ZONA DE DEPOSITOS DE RESÍDUOS
 - 13- ZONA DE PROCESSO DOS PELLETS
 - 14- ZONA DE PRODUTOS ACABADOS DE PELLETS
 - 15- ADMINISTRAÇÃO
 - 16- ZONA DE FUNCIONÁRIOS
 - 17- ZONA DE ADMINISTRAÇÃO
 - 18- ZONA DE FUNCIONÁRIOS



Corte AA'
Escala 1/500



Corte BB'
Escala 1/500



Alçado Oeste
Escala 1/500



Alçado Interior
Escala 1/500



Carpintaria



Serração

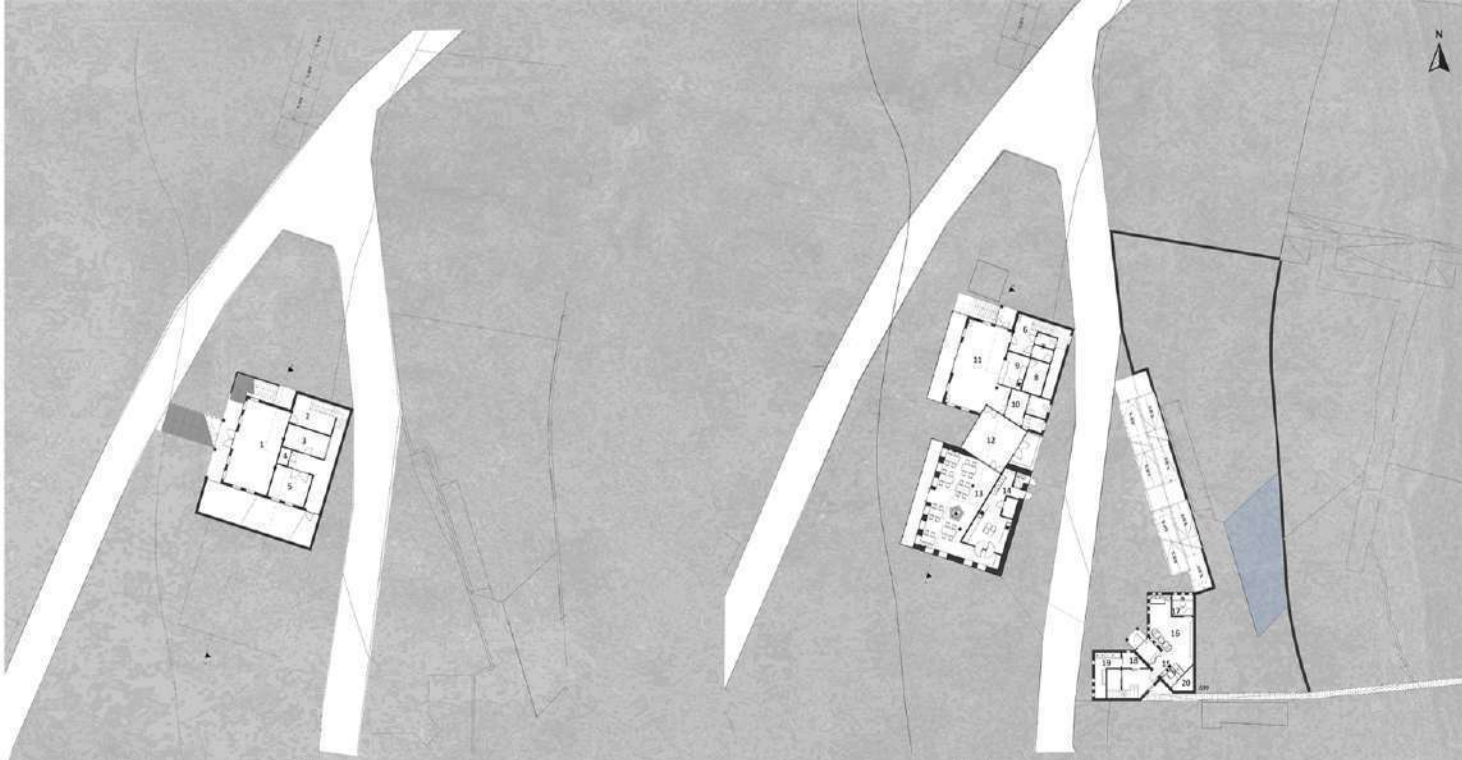


Entrada da Carpintaria

FUTURO NO GOULINHO.

Estratégia arquitetónica integrada para o desenvolvimento económico e social de uma aldeia rural

Cátia Marina Lourenço Matias | 20141378 | ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUIS CRESPO



Planta do piso -1 (cota 692)

Planta da cota 696



Alçado oeste



Corte CC'

- LEGENDA
- 1- SALA DE EXPOSIÇÃO
 - 2- ARRUMADOS DA ZONA DE EXPOSIÇÃO
 - 3- ESCRITÓRIO ADMINISTRATIVO
 - 4- INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
 - 5- SALA DE REUNIÕES
 - 6- ZONA DE FUNCIONÁRIOS
 - 7- INSTALAÇÃO SANITÁRIA COM D.U.O. E P.M.A. FUNCIONÁRIOS
 - 8- ARRUMADOS
 - 9- BANH.
 - 10- INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
 - 11- SALA POLIVALENTE
 - 12- RECEPÇÃO AO RESTAURANTE
 - 13- RESTAURANTE
 - 14- COZINHA
 - 15- RECEPÇÃO DO ALMOJUMENTO
 - 16- SALA DE ESPERA
 - 17- ESCRITÓRIO ADMINISTRATIVO
 - 18- ARRUMADOS
 - 19- LAVANDARIA
 - 20- ARRUMADOS PARA AS MALAS

ESCALA: 1/200



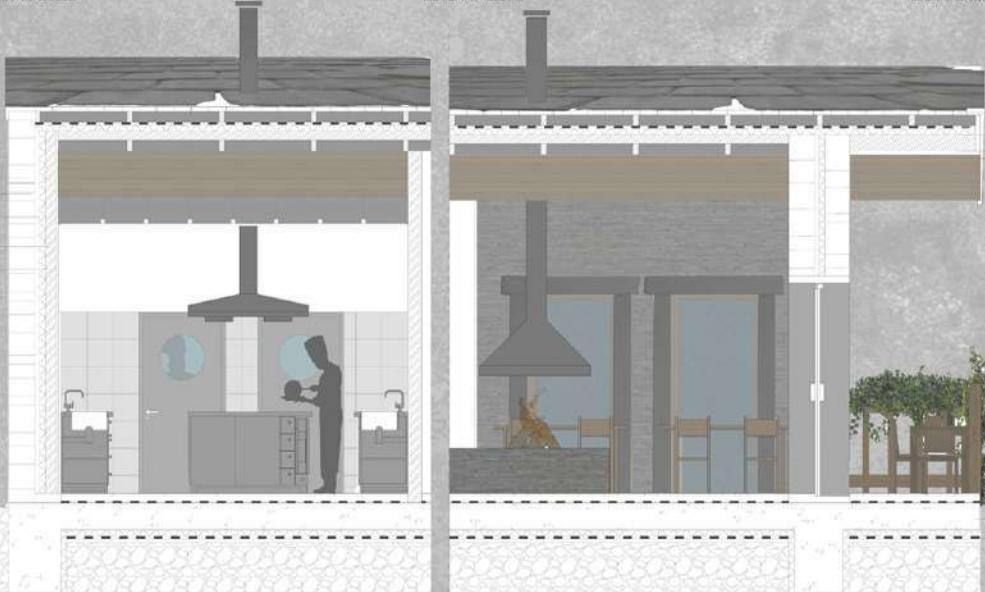
Vista Interior de Restaurante a Partir da Escadaria



Vista Interior do Restaurante



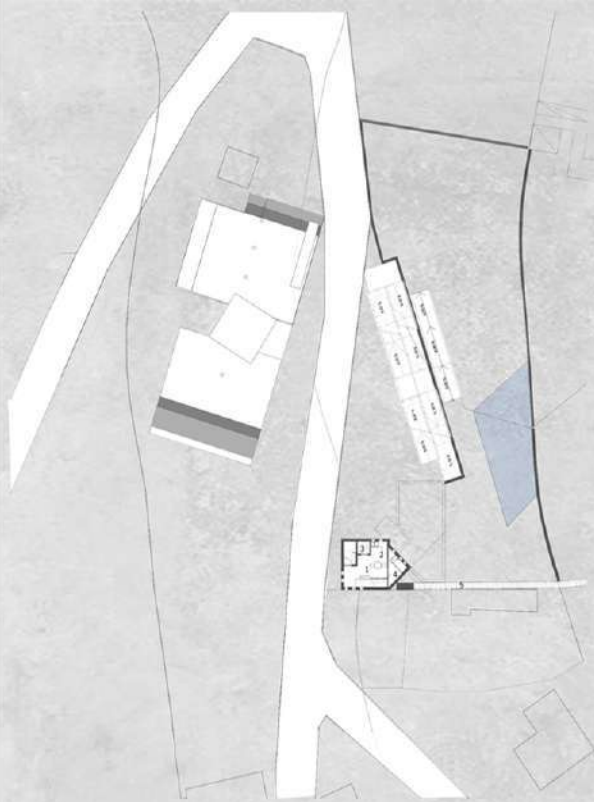
Vista Exterior de Associação e Restaurante



ESCALA: 1/200

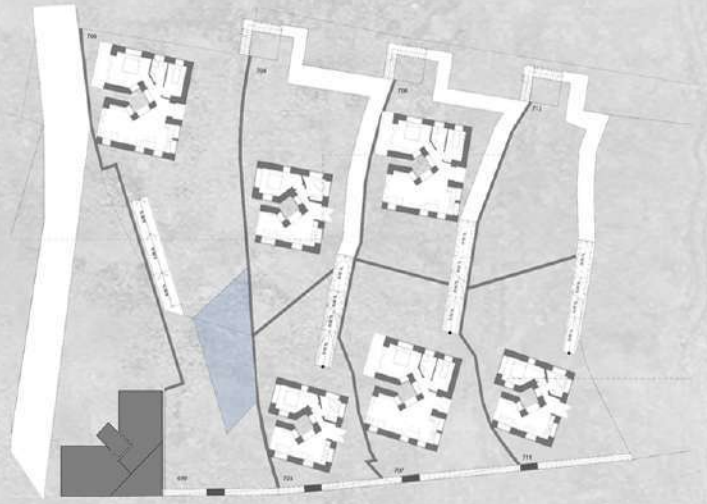
FUTURO NO GOULINHO

Estratégia arquitectónica integrada para o desenvolvimento económico e social de uma aldeia rural



Planta do Piso 1 Unidade Hoteleira (cota 699)
Escala 1/200

- LEGENDA:
- 1- ZONA DOS FUNCIONÁRIOS
 - 2- COZA
 - 3- INSTALAÇÃO SANITÁRIA COM DUCHE
 - 4- QUARTO
 - 5- Percursos Menores



Planta Tipo das Tipologias da Unidade Hoteleira
Escala 1/200



Corte DD'
Escala 1/200



Planta da Tipologia Pequena
Escala 1/50



Planta da Tipologia Grande
Escala 1/50



Corte EE'
Escala 1/50

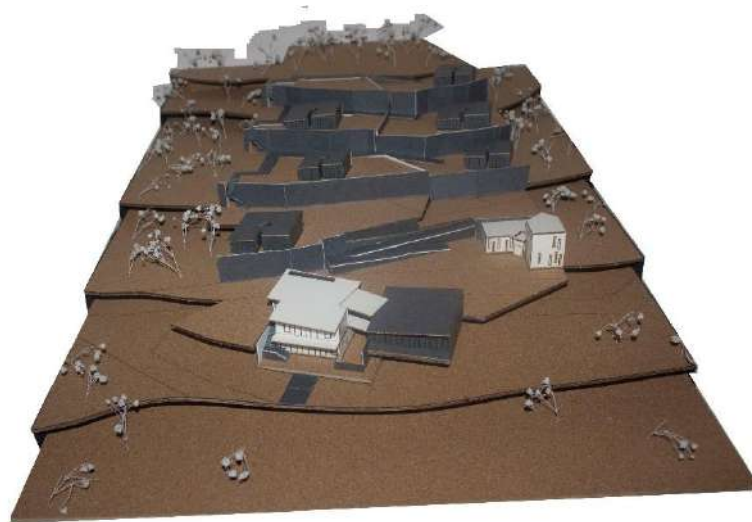
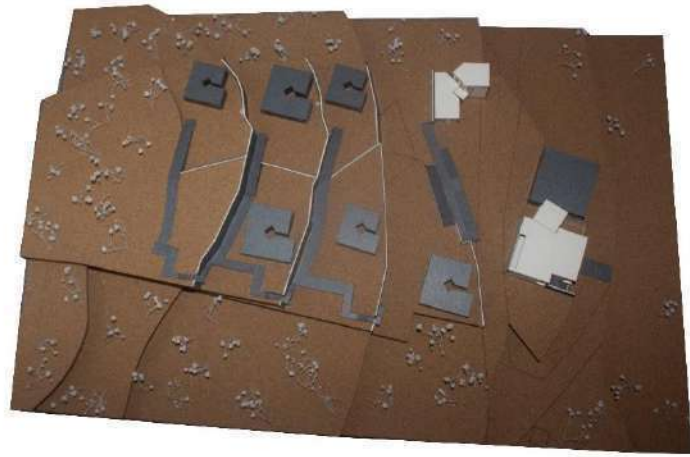
FUTURO NO GOULINHO.

Estratégia arquitectónica integrada para o desenvolvimento económico e social de uma aldeia rural

Cátia Marina Lourenço Matias | 20241378 ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA - PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AFONSO, PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPO



Maquete final 1:2500



Maquete 1:200, zona da associação e restauranta com a unidade hoteleira